



RB184,730



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

7 5963

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto



M A X I M A S
S O B R E A
A R T E O R A T O R I A ,
E X T R A H I D A S D A S D O U T R I N A S
dos antigos Mestres,
E I L L U S T R A D A S
P O R C A N D I D O L U S I T A N O .



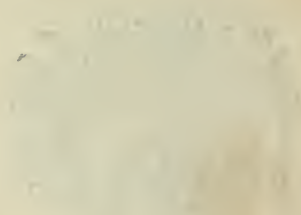
L I S B O A ,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno;

MDCCLIX.

Com as licenças necessarias,

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1200 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL: 773-936-3700



UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
1200 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637
TEL: 773-936-3700

AO EXCEL. SENHOR

HENRIQUE JOSEPH MARIA

ADAM DE CARVALHO E MELLO

CANDIDO LUSITANO

Augura toda a prosperidade.

O Trabalho de proporcionar as Cartas Dedicatorias à materia dos Livros, e fazer com

* ii

que

que a Obra seja decorosa ao Patrono , e o Patrono à Obra , costuma ser o mais delicado empenho dos judiciosos Escritores. Communmente he infeliz este trabalho , não encontrando a benigna approvaçã daquelles , que só louvaõ o que he perfeito.

Porém eu presentemente estou livre de incorrer na censura desta Critica judiciosa. Sabe a publico este Livro , e sabe com a precisa obrigação de ser offerecido a V. Senhoria , porque o escrevi em obsequio dos seus estudos. Entrou V. Senhoria já em idade de se applicar à Eloquencia , aquella Arte , que he
do

do espirito humano o primeiro adorno , e da Nobreza do sangue o mais fino esmalte. Olhey ora para as obrigações , que devo a seu illustre Pay , ora para a falta , que experimenta hum Fidalgo Portuguez , naõ tendo na lingua materna Livro , que o instrúa nos preceitos da Eloquencia verdadeira , e tomey o suavissimo trabalho de escrever para o uso de V. Senhoria estas Maximas sobre a Arte Oratoria.

Neste novo estudo , para o qual o está já convidando assim a viveza do seu engenho , como o exemplo de seus Mayores , eu bem sey , que se lhe proporáõ muitos

Trata-

*Tratados de Mestres excellentes ;
mas tambem sey , que destes huns
por volumosos seraõ improprios
da idade de V. Senhoria , outros
por muy succintos seraõ indignos
da viva comprehensãõ do seu jui-
zo , naõ contendo mais do que
huns secos , e descarnados precei-
tos sobre a Rhetorica.*

*Destes supponho eu já inf-
truido a V. Senhoria , e cuidey
unicamente em lhe dar a ler (soc-
corrido pelas doutrinas do sabio
Gisbert) as regras mais finas , e
solidas , que deixaraõ os antigos
Mestres para o ultimo polimento
da Eloquencia. A pratica destes
preceitos acha-se com muita vari-
dade*

*dade nos mancebos ; o de mais he
couza muy trivial nas escolas , e
às vezes damnosa.*

*Se V. Senhoria souber , que
o Senhor Conde seu Pay approvou
este meu trabalho , estou certo que
nelle ha de occupar as horas de
estudo , e occupando-as estou ain-
da mais certo , que o proveito ha
de responder à distincta capacida-
de do Instruido. Para lhe fazer
mais gostosa esta applicação , em-
penbeime em usar de hum estylo
ameno , facil , e succinto , qual
estavaõ pedindo os seus annos flo-
rentes , condemnando deste modo
aquelles Escritores , que escreve-
raõ barbaros , quando davaõ pre-
ceitos*

*ceitos sobre a Eloquencia. Segue
nesta amenidade ao eloquentissimo
P. Gisbert , não traduzindo-o ,
mas valendo-me dos seus precei-
tos , e estylo , qual industriosa
abelha , que fórma o seu mel da
doçura de diversas flores.*

*Para os felicissimos progres-
sos neste seu novo estudo quizera
eu lembrar a V. Senhoria diver-
sos estimulos , e bastaria a hum
espirito sublime só apontarlhe ,
que estuda a Eloquencia em Ro-
ma , naquella mesma Corte , on-
de floreceraõ os mesmos Mestres ,
que deixaraõ aos vindouros as
presentes Maximas. Vive V. Se-
nhoria nesse feliz Clima ; recebe
o mes-*

o mesmo ar , que respiraraõ os
immortaes fundadores da Arte
de bem fallar ; e para hum Man-
cebo illustre como V. Senhoria ,
em quem se conhece toda a nobre
emulaçaõ , que conduz à verda-
deira sabedoria , naõ era impro-
prio apontar-lhe circumstancia , de
que já se valeo Quintiliano para
estimular à Eloquencia a mocida-
de Romana : porém mais fortes
estimulos devo eu lembrar a V.
Senhoria , lembrando-lhe de quem
he filho , e como tal o alto fim pa-
ra que estuda.

Naõ nascem para logo mur-
charem as flores da sua literaria
applicaçaõ ; nascem para darem
a seu

a seu tempo frutos maduros em
serviço deste Reino. Já V. Se-
nhoria terá lido em Horacio, que
de fortes nascem fortes; e que as-
sim está na precisa obrigação de
imitar aquelles, dos quaes her-
dou o sangue.

Mas o affecto, e muito mais
as mercês, que devo à Casa de V.
Senhoria, já me estão represen-
tando presentes os futuros servi-
ços, com que V. Senhoria ha de
acrescentar as glorias da sua
Familia. De Mancebo suave, e
engenhofo já o diviso Varaõ gra-
ve, e respeitado, e parece-me,
que o vejo caminhando pelos he-
roicos vestigios de seus illustres
Avós,

Avós , passallos adiante naquellas glorias militares , de que a Historia de Alemanha tanto se préza.

Parece-me , que igualmente o vejo deixando já o estrondo das armas , cultivar o socegado campo das letras nos Ministerios Politicos , e seguir a passos iguaes a seu incomparavel Pay naquelles serviços , dos quaes os Fastos Portuguezes seraõ eternos pregoeiros ; e que para qualquer destes destinos he indispensavel a solida Eloquencia , saõ tantas as testimunhas , quantos os Heróes em armas , ou letras , que mais illustraraõ a Arte da Guerra , e
da

*da Politica; e tempo virá em que
V. Senhoria com a pratica de taõ
nobre Faculdade nos deixe mais
hum exemplo.*

*Para no lo dar , bastará só
que V. Senhoria viva , porque tu-
do o de mais tirará V. Senhoria
do proprio fundo do seu vivo en-
genho , e penetrante juizo , como
dizia Ovidio ao seu Germanico.*

Dí tibi dent annos ; à te nam cætera fumes :

Sint modò virtuti tempora longa tuæ.

*Entretanto que a Patria naõ go-
za destes sazonados frutos , seja
V. Senhoria nas bellas , e copiosas
flores de seus eloquentes estudos o
estimulo da nobre Mocidade Por-
tugueza. Honre este Livro com
a fre-*

a frequente lição ; não pela parte , que eu tenho nelle , mas porque contém a flor dos solidos preceitos da Eloquencia ; ou dizendo melhor , porque já tem a approvação de seu Sabio Pay. Desejara igualmente , que V. Senhoria o honrasse , pela razão de ser elle o primeiro , que tem a vaidade de o buscar por Patrono das letras : à minha imitação correrão outros estudiosos a buscar taõ benefica sombra , e já desta minha offerta vá V. Senhoria costumando-se a ser invocado.

L I C E N Ç A S.

Do Santo Officio.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro de que se faz menção, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 18 de Junho de 1758.

Com tres Rubricas.

Do Ordinario.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso, e conferido torne. Lisboa, 18 de Outubro de 1758.

D. J. A. L.

Do Desembargo do Paço.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa conferido para se taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 11 de Setembro de 1759.

Com cinco Rubricas.

Pó-

Póde correr. Lisboa, no Paço de
Palhavã, 21 de Agosto 1759.

Com cinco Rubricas.

Póde correr. Lisboa, 29 de Agosto
de 1759.

D. J. A. L.

Que possa correr. Lisboa, 18 de
Setembro de 1759.

Com duas Rubricas.

CATA

CATALOGO

Dos livros impressos do A.

Vida do Infante D. Henrique ,
1. tom. em 4. grande.

Arte Poetica de Q. Horacio Flac-
co , traduzida, e illustrada em Portu-
guez , 1. tom. em 4. grande.

Arte Poetica , ou Regras da ver-
dadeira Poesia em geral , e de todas a
suas especies principaes , tratadas com
juizo critico , 2. tom. em 8. grande.

Maximas sobre a Arte Oratoria ,
extrahidas das doutrinas dos antigos
Mestres , 1. tom.

Vendem-se nas lojens de Manoel
da Conceição , Livreiro ao Poço dos
Negros ; de Monf. Du-Beux , e Bo-
nardel à Cruz de Páo ; de Monf. Ber-
trand à Boa-Morte ; dos Irmãos Gi-
nioux ao Poço Novo ; e de Monf. Bo-
nardel no largo da Esperança.

MAXIMAS

SOBRE A ARTE

ORATORIA.

MAXIMA I.

Erat in Bruto natura admirabilis, exquisita doctrina, & industria singularis.

Cicero de Claris Orat.

JUSTO he, que demos principio a este Tratado pela primeira pedra, em que se funda o edificio da solida Eloquencia. Sem mais preambulo; não he Orador verdadeiro aquelle com quem a Natureza foy mesquinha, negando-lhe os seus dons; e menos aquelle, que não lucrrou com longo estudo os preciosos thesouros, de que faz pompa a Eloquencia. Discorramos primeiro sobre o genio natural, e feliz, com que deve nascer o Orador, para poder levantar a cabeça sobre os outros; e depois trataremos do profundo estudo, que

A

de.

deve fazer em muitas Faculdades, para lhe ser devido aquelle mesmo louvor, que Cicero deu a Bruto.

O Orador, no qual se não verificarem aquellas qualidades naturaes, que fizeraõ dizer a Aristoteles, *Gaudeant bene nati*, impossivel he, que faça huma figura digna na republica dos Eloquentes. A experiencia comprova todos os dias esta verdade. Distingue-se este Orador daquelle, porque nasceo com hum genio natural para a Arte de bem fallar; e tanto mais se distingue, quanto a Natureza foy com elle mais liberal dos seus dons. Para tudo he necessario genio; mas com mais especialidade para a Eloquencia, consistindo toda a sua belleza em hum natural bem representado, e exprimido.

Porém onde acharemos este genio predominante, que he a alma do verdadeiro Orador? Eu não o sey; busca-se, e não se acha; mas não he muito, sendo hum composto de tantas perfeições: hum homem verdadeiramente eloquente he hum dom especial do Ceo, he huma obra de mui-

tos seculos , e não admira , que em qualquer Nação culta se contem por unidades os Oradores. Se bastasse só hum genio feliz , não seria taõ rara esta joya ; mas além de hum natural nascido para a Eloquencia , (isto he , hum facil , e copioso soccorro de palavras , e expressões) devem concorrer no Orador outros muitos dons da Natureza , os quaes fazem extremamente rara a Arte de fallar.

He preciso huma grande elevação de espirito , hum juizo delicado , e hum profundo discernimento , aperfeiçoado com a pratica do mundo , e com a solida instrucção de varias Faculdades. He necessario huma especial extensaõ de memoria , huma imaginação viva , huma comprehensãõ facil , huma voz clara , e distincta , huma figura agradavel , hum gesto senhoril , huma pronunciação animada , além de outras muitas qualidades , que commummente ou são entre si incompativeis , ou muy difficultosas de se acharem em hum homem. Daqui vem dizer Cicero , lastimando-se da sua idade , que em cada seculo apenas appare-

cem dous Oradores dignos de estimação. Em hum tempo, em que a Eloquencia reinou soberana, não duvidou Cicero a escrever esta proposição; e que se dirá da nossa idade? Póde ella desvanecerse, do que tanto se gloriou Athenas, e Roma? Digaõ huns, que não póde; que eu direy, que poderia, se se polisse, e cultivasse o juizo, e engenho humano, como no tempo daquellas famosas Republicas. A Natureza não sey, que cançasse; sey que nos faltaõ os meyos, e os estimulos, que tinhaõ os bons Gregos, e Romanos.

Além do genio, he necessario para ser eloquente, huma grande capacidade, e huma continua applicação. Concorriaõ em Bruto estas tres circumstancias, e por isso mereceo do famoso Orador Romano hum louvor taõ distincto. O imperio da Eloquencia abrange vastas Provincias, e taõ vastas, quantas saõ as obras eloquentes, que nos deixou a sabia Antiguidade. Sem se estudar muito, e muito por estes escritos, sem se ler de dia, e noite a Demosthenes, a Cicero, a Aristoteles,

toteles , Quintiliano , Longino , e os demais , que são as fontes , onde se bebe o perfeito bom gosto da Eloquentia , tenho por impossível , que possa dar-se hum Orador verdadeiro. E não basta talvez ler só por estes Antigos , e observallos com profunda meditação ; he preciso estudar bem pela Natureza , e com a guia della saber a fundo os mysterios do coração humano.

O principal fim do Orador he mover aquelles affectos , que pretende ; e se elle não for bem instruido neste occulto estudo da Natureza , se não souber bem o que são as paixões do homem , como ha de mover huma maquina , que de si he tão difficil de abalar ? Daqui se segue , que he indispensavel no verdadeiro Orador hum profundissimo estudo da *Filosofia dos costumes* : mas ainda se estende a muito mais a sua obrigação. Aquelle , que emprende esta tão ardua empreza , se ler a Cicero , achará , que a Eloquentia comprehende todas aquellas couzas , pelas quaes subsiste a sabia disciplina de huma Republica bem regulada. A

A esta Faculdade pertence saber a origem, a força, a virtude, e mudança de todas as cousas: a ella toca possuir o conhecimento da Natureza, no que respeita aos costumes, e inclinações do homem: della he a obrigação de saber as leys, e costumes dos povos, e o que tempera, ou destempera a harmonia de huma Republica. Em fim pretende o Orador Romano, que a Eloquencia saiba tudo, já que tudo está sujeito ao seu dominio.

Com effeito, se não tiver hum fundo abundante de erudição, como ha de o Orador decidir qualquer cousa? Ainda digo mais; como ha de o seu espirito ser capaz de alguma louvavel producção? Parecerá, que isto he dito livremente; pois muito ha, que affirmou o mesmo Petronio, aquelle Critico tão judicioso, quando disse: *Neque concipere, neque edere partum mens potest, nisi ingenti flumine literarum undata*: isto he, sem hum rico cabedal de capacidade, e sciencia, não pôde o Orador fallar com dignidade naquella materia, que tomou por assumpto.

E na verdade como ha de elle aclarar aos outros , se elle mesmo está às escuras ? Como ha de conseguir o seu fim , se ignorar os meyoos ? Para o alcançar he certo , que não ha outro modo , senão o enriquecer o espirito com hum infatigavel estudo , pelo qual adquira o profundo conhecimento das cousas. Mas quem ha de resistir a taõ duro , e longo trabalho ? Só quem da Natureza tiver recebido hum genio proporcionado , e hum natural forte , para supportar taõ grave pezo. Os que não nascem com este dom , embarçaõ-se com os preceitos dos Mestres ; e assim como os que não tiverem voz , por mais que estudem a arte de cantar , nunca seraõ Cantores ; assim na arte de fallar os que não tiverem hum genio especial para a Eloquencia , por mais que se cancem , nunca seraõ Oradores.

 M A X I M A II.

Quis est aded non ab omni eruditione modo, sed à sensu remotus hominis, ut fabricandi quidem, & texendi, & è luto vasa dicendi Artem putet: Rhetoricem autem, maximum, ac pulcherrimum opus, in tam sublime fastigium existimet sine arte venisse? Quintil. l. 2. c. 16.

A Maxima, que deixamos estabelecida, está chamando precisamente por esta; porque para logo desprezará a Arte aquelle, que se sentir com hum natural genio para a Eloquencia. Acima tocámos este ponto; agora dilataremos nelle a penna. Queixava-se Aristoteles, de que tendo escrito tantos sobre a Eloquencia, fossem taõ poucos os que deixando bem expendidos os preceitos desta Arte, deixassem a outros aberto, e applanado o caminho. Isto, que no tempo do Filosofo era falta de mestres, hoje he de discipulos. Naõ faltaõ presentemente Tratados excellentes, que guiaõ, como pela maõ, e com toda a se-

a segurança , ao Orador principiante :
o que falta são Engenhos , que queira
sujeitar-se aos preceitos da Arte.

Muitos conhecem em si facilidade
de , e genio para a Eloquencia , e as-
sentão consigo , que isto basta para
serem insignes Oradores. Desprezão
tudo o que são preceitos , isto he ,
aquellas leys irrefragaveis , fundadas
sobre a natureza , sobre a razão , e so-
bre a experiencia : e se ha quem os
queira meter no caminho , mostrando-
lhes quanto vão errados , respondem ,
que a Rhetorica não he capaz de Ar-
te , por ser hum dom , que vem uni-
camente da Natureza. Para isto achão
doutrinas , que (ao parecer) os de-
fendem. Entre outras , que omitti-
mos , allegão com a de Democrito , e
com a de Gorgias , sem fazerem caso ,
de que a este se oppozera Plataõ em
hum especial Dialogo , e àquelle Ho-
racio , escarnecendo da sua sentença.

Deixando como pueris , e ridicu-
las as razões , com que os Engenhosos
querem fugir ao trabalho do estudo ,
he necessario , que cada hum delles
creya , que ha huma Arte , que fór-
ma ,

ma, e pule a natural Eloquencia, e que sem ella ainda o Mundo não vio hum verdadeiro Orador. Discorra-se por todos os livros, a que os Sabios chamaõ eloquentes; lea-se a Cicero, a Demosthenes, a Livio, a Cesar, e outros muitos: nelles se acharáõ humas taes perfeições, e excellencias, que precisamente se ha de concluir, que sem Arte, sem reflexão, e artificio não se poderiaõ dar taõ perfeitos discursos.

Pelo contrario aquelles, a quem faltaõ estas tochas, como caminhaõ às escuras, logo encontraõ com despenhadeiros, cahindo em mil desigualdades, e inconsequencias. Apezar dos dons, de que a Natureza os dotou, se a Arte não trabalhar em suas obras, mostraráõ (não duvido) hum, ou outro pedaço de bom metal; mas a mayor parte da materia, ao fundirse, ha de se reduzir a escoria. Aquelle, que em qualquer composição se fia da Arte, não póde ser enganado; por isso dizia Quintiliano: *Ars enim semel percepta, non labitur*; porque ella dá aquellas regras universaes, e

ap-

applicaveis a qualquer Argumento.

Por esta caua desapprovava Aristoteles o uso dos Mestres do seu tempo, os quaes ensinavaõ a seus discipulos a Oratoria só por exemplos, desprezando a Arte. Para exprimir o erro destes homens se valeo de huma semelhança, que parece humilde, mas he bem expressiva. Se hum homem (diz o Filosofo) que não póde andar descalço, for ter com hum Capateiro, pedindo-lhe, que o livre daquella oppressão, e este lhe der diversos pares de çapatos, he certo, que o miseravel sim fica soccorrido na necessidade presente, mas não para a futura; nem com esta liberalidade lhe ensinou o Capateiro a sua Arte, a qual ensinada, he que só poderia fazer, com que o pobre nunca mais andasse descalço. O leitor de ouvido delicado não censure a semelhança por plebea, porque quanto lhe parece ter de baixa, outro tanto tem de frizante. Applique-a à Eloquencia, e assente como certo, que só pelos exemplos, que lhe derem os Mestres, nunca regulará com perfeição o seu juizo; estes

tes juntos com a Arte he que o farão perfeito Orador.

Mas neste ponto he necessario por ultimo advertir duas importantissimas cousas: a primeira he, que esta Arte não ha de apparecer na Eloquencia com pompa, e ostentação; antes se deve pôr todo o cuidado em a occultar. Não ha cousa mais sem arte, do que hum Discurso claramente artificioso: por isso Quintiliano deixou escrito: *Ubicumque ars ostendatur, veritas abesse videatur*. Esta Maxima pedia especial illustração; mas reservamo-nos para lugar mais opportuno.

A segunda cousa, que devemos advertir he, que a Arte na Eloquencia não ha de destruir, ha de ajudar a Natureza. A' maneira dos bons Medicos, que com os seus estudados remedios cuidão em ajudar a compleição do enfermo, e trabalhaõ por dar aos seus humores aquella harmonia, na qual consiste a saude. O mesmo deve observar o Orador com o exemplo de Demosthenes, que nascendo sem alguns daquelles dotes precisos para a sua profissão, com a arte os alcançou; don-

donde veyo dizer delle hum Antigo:
Alterum Demosthenem mater, alterum in-
dustria enixa est.

MAXIMA III.

Sermones meos minimè compono ad gra-
tiam, sed ad id, quod optimum est,
non verò ad id, quod jucundissimum,
atque gratissimum. Plat.
in Dial. Gorg.

O Fim principal, que deve ter o Orador, he o mover, e obrigar seus ouvintes a buscar o bem, e a fugir do mal; mas commummente o que se vê, he, que só tem por fim o agradecer aos ouvidos alheyos. Quer fazer figura de homem eloquente, e ter estimaçãõ entre os Sabios. E que lhe succede, quando se encaminha a este fim taõ contrario à verdadeira Eloquencia? Fazer huns Discursos despropositados, nos quaes ninguem se interessa. Como só quer passar por hum agudo engenho, cahe de ordinario

rio em mil agudezas falsas , em infinitas expressões affectadas , e em hum estylo guindado , que não póde agradar aos fizudos.

Tomara , que huns taes Oradores lançassem fóra tudo o que fosse estranho ao seu officio , e elles veriaõ entaõ , como logo se achavaõ no bom caminho , que trilha a solida Eloquencia. Muy proximo está o bom gosto , quando está longe o que he menos bom. Por certo , que elles entaõ não cuidariaõ em outra cousa , senaõ em instruir , e mover com o que he substancial , e verdadeiro. Sim adornariaõ a verdade , mas só quanto fosse necessario , para que entrasse no animo dos ouvintes sem difficuldade alguma. Os adornos seriaõ nobres , simples , e naturaes. Em lugar de enfraquecerem a verdade , darlhehiaõ nova força , e fariaõ , com que apparecesse no seu proprio esplendor.

Muito custa a hum Orador principiante fazer dos seus pensamentos mais pomposos hum generoso sacrificio à Eloquencia. Naturalmente somos amantes dos nossos conceitos ; e
te

se queremos preferir huns a outros , escolhemos os que julgamos mais vivos , e luminosos , e a estes he que reputa a nossa vaidade por huma das nossas melhores producções. Digamos tudo em huma palavra ; este sacrificio do amor proprio he para nós cruel ; porque temos huma forte inclinação a todo o pensamento , que inclue em si huma agudeza brilhante. Se estamos no ardor da mocidade , então he mais forte esta tentação ; porque não percebemos o como se póde escrever bem, e não usar de semelhantes conceitos.

Dura esta allucinação , em quanto não chegamos a gostar da boa Eloquencia , e propomos em nossos Discursos o verdadeiro fim do homem Orador , que he , não já agradar aos ouvidos alheyos com subtilezas esquadrihadas , mas instruir , e mover os ouvintes a alguma cousa louvavel , e isto por meyo daquelle melhor artificio , que sabe descobrir a adulta , e não a pueril Eloquencia. Quando nos pomos a compor os nossos Discursos Oratorios , nascem-nos de quando em quando no entendimento humas certas
fór-

fórmãs de dizer , que para logo nos enganaõ , e encantaõ com a sua pompa affectada , e brilhante. E que havemos de fazer para resistirmos às seducções destes enganos ? Fazermos resistencia ao nosso amor proprio , e costumarnos pouco a pouco a expellillos de nós , bem como fazemos àquelles máos pensamentos , que nos querem manchar a alma.

Perguntara eu a razão , porque Demosthenes alcançou (sem contradicção em tantos seculos) a victoria da boa Eloquencia , que lhe disputarão tantos concorrentes no Senado de Athenas ? O seu engenho , e talento seria conhecidamente melhor , que o dos outros ? Talvez não : pois que teria elle de mais ? Hum fim mais nobre. Quando Demosthenes orava , não tinha outro fim , se não o bem da sua Patria : este o movia a fallar , e esta era a causa , porque tudo nelle era substancia , força , e razão ; por isso tudo nelle convence , e tudo arrebatava. Ao mesmo tempo os seus competidores só cuidavaõ em deleitar aos Athenienses com lisonjas , mendigando des-

te

ção criticarmos aquillo mesmo , que ao ouvilla , nos arrebatara , e surprehendera. Entrou o juizo a syndicar com focego , e tornaraõ-se as admirações em reparos.

Tomara igualmente poder persuadir ao Orador , que só trabalha por ganhar estimações, e applausos, estando no erro , de que estes são prova certa, de que elle possui huma grande, e sublime Eloquencia ; sim , tomara capacitallo, que vay inteiramente errado na consequencia. Bastaõ os ornatos de hum fallar, que he mediocre, para excitar no auditorio hum rumor lisonjeiro, e frequentes vivas; no mesmo tempo, que o genero sublime com a sua grandeza, e pezo opprimindo em certo modo a voz dos ouvintes, imprime nelles hum silencio, que os faz suspenços, e immoveis. Donde, deve tirar o Orador, que só cuida em agradar, para ganhar applausos, e fer tido deste modo por verdadeiro Eloquentes, que está muy longe de merecer este nome, porque está muy longe do fim da Eloquencia.

Assentando nesta doutrina, parecerá,

cerá , que nós queremos degradar da Oratoria tudo o que he causar delecte nos ouvintes , e por este modo receber delles o applauso , e acclamação de eloquente. Não ha duvida , que o queremos , se este for todo o fim do Orador ; mas facilmente lho concederemos , se elle com economia quizer agradar , e receber os louvores do auditorio , para melhor conseguir o seu nobre fim. Delecte , mas não tome por alvo o delectar : mereça applausos , mas não os busque , especialmente com frequencia , porque os mesmos ouvintes virão a cançar-se de tanto applaudir ; e ahi os temos já enfatiados , e por consequencia pouco attentos , perdendo deste modo a Eloquencia o seu verdadeiro fim.

Quando eu fallo (dizia Cicero) gosto dos applausos ; gosto de ouvir dizer , bellamente ; não se póde dizer melhor ; mas não folgo , que se me diga isto muito a miudo. *Belle , & præclarè nimium sepe nolo*. Sim ; porque a prudencia do Orador , e ao seu artificio rhetorico pertence o buscar diversos lugares , que não chamem por ap-

plausos, nem obriguem a admirações. Sirvaõ estes de intervallos, em que possaõ os ouvintes tornar a si, e dar focego às potencias, que estavaõ agitadas. Depois de huma grande luz, que cegou, he necessario sombra, e busca-se a escuridade. Pouco he preciso (continúa o mesmo Mestre) para se passar do mayor gosto ao disgosto; mas se o deleite he mediano, e dado com economia, conserva-se por mais tempo, e não inspira taõ depressa desprazer.

As grandes bellezas da Eloquencia são nisto semelhantes aos grandes gostos; desagradaõ, quando se não usa dellas a proposito, e não se distribuem com medida. Eu antes quizera ouvir hum Discurso medianamente bom, do que outro bello, e maravilhoso sem interrupção desde o principio até o fim. A razão he, porque tudo o que agrada em excessso, faz na alma huma impressão forte, e violenta: ora toda a impressão desta natureza, por mais agradavel que seja, senão he breve, e de passagem, para logo enfastia, e cança.

MAXIMA IV.

*Si fieri potest, verba omnia hujus alumnus
urbis oleant, ut Oratio romana planè
videatur, non civitate donata.*

Quintil. l. 8. c. 1.

Quem aspira à verdadeira Eloquencia, deve pôr summo cuidado de fallar com pureza, e energia a sua lingua. Ha de mostrar huma locução apta a representar com pureza tudo o que quer exprimir, e no mesmo tempo nunca ha de mostrar affectação em ser puro. Eu mais estimo, o que mostra mayor diligencia em ser natural, e simples, do que aquelle que só faz ostentação de pureza de linguagem. O demasiado capricho de querer fallar bem, he causa, de que muitas vezes se falle mal. Despreze-se todo o termo, que for extraordinario, e pouco conhecido no uso commum; porque (parece hum paradoxo) he fallar mal o fallar demasiadamente bem: cheira mais a curiosidade,

fidade , do que a pureza , como dizia Quintiliano : *Invenies quos curiosè potius loqui dixeris, quàm latinè.*

Costume-se desde logo o Orador a fallar de maneira , que todas as suas palavras (se poder ser) faibaõ a hum homem , que nasceo , e se criou na Cidade , e naõ a hum forasteiro , a quem se concedeo o privilegio de Cidadaõ. De outro modo succederlheha , como a Theofrasto , ao qual , a pezar de sua elegancia , e policia no fallar , conheceo logo huma mulher rustica de Athenas , que elle naõ era Atheniense , porque fallava muito Attico.

Confesso ser summamente difficil , que hum Orador criado fóra da Corte possa chegar a exprimirse de modo , e a ter pronunciaçaõ taõ pura , que já mais se dê a conhecer por homem de Provincia. Que ferá (perguntava Cicero) e em que consiste aquella certa maneira de linguagem , e de pronunciaçaõ , à qual eu chamo *cor* , e *tintura de urbanidade* ? Eu naõ o sey (respondia elle) sómente sey que a ha. *Quid est iste tandem urbanitatis color ? Nescio, inquam ; tantum esse quemdam scio.* Faci-

cil

cil ferá o perceberes isto (continúa fallando com Bruto) quando estiveres nas Gallias. Ouvirás muitas palavras, e fórmãs de fallar, que não se usaõ em Roma ; mas a isto pode-se dar remedio, esquecendo-se effes taes das ditas palavras, e valendo-se de outras conformes ao uso. O que mais admira he, que as boas palavras postas na boca dos nossos Oradores, tem hum não sey que mais doce, mais agradavel, e sonoro ao ouvido, do que na boca dos Oradores de Provincia. Até aqui Cicero.

Destã sua observação boa testemunha he Theofrasto, de quem ha pouco fallámos, o qual perguntando a huma Atheniense por quanto vendia certa mercancia : *Forasteiro* (respondeo-lhe) *naõ a posso dar, se naõ por tanto.* Esta resposta desagradou muito a Theofrasto, mostrando-lhe a mulher, que elle no seu fallar ainda não tinha chegado a riscar o caracter de forasteiro, posto que fallasse muito bem, e assistisse por muitos annos em Athenas. Tanto he certo, que hum homem nascido, ou criado fóra da Corte,

te , por mais polido que seja , quasi sempre se descobre , e dá a conhecer sua Patria , ou seja na escolha das palavras , ou no modo da pronunciaçãõ.

Naõ se escandalizem disto os muitos eloquentes das nossas Provincias ; porque este defeito , que deixamos apontado , he transcendente em todas as Nações : aquelle Atticismo , e flor de linguagem , e pronunciaçãõ quasi só he proprio dos polidos da Corte. Com tudo a esta regra he preciso dar suas limitações ; porque no nosso Reino muitas terras ha , onde a sua Nobreza , e gente de letras tem pureza de linguagem ; mas de pronunciaçãõ , naõ sey , se lha poderemos conceder , especialmente naquelles , que naõ assistiraõ por largo tempo na Corte , nem communicaraõ com os eloquentes della.

Isto supposto (pergunta o P. Gilbert) que ha de fazer o homem de Provincia , que aspira a ser bom Orador ? Ha de cuidar (responde elle) com tempo em corrigir , ou ao menos moderar o mais que puder , certos defeitos de pronunciaçãõ , e de lin-
guagem ,

guagem , inseparaveis do clima , em que nasceo. Se depois de muito estudo, e reflexão vir , que não se póde emendar destas (digamos assim) venialidades , não affecte o Atticismo da lingua da Corte , porque ha de cahir em mayores defeitos. Em pontos de linguagem , e pronunciação pura , a mesma rusticidade offende muito menos , do que huma affectada cultura.

Contente-se com se fazer forte nas cousas , já que o não póde ser nas palavras ; porque isto he campo aberto para os eloquentes de todas as terras. Deste modo póde chegar à grande , e sublime Eloquencia ; pois que esta não se conhece tanto pelo polimento , e cultura das palavras , quanto pela força das cousas , que se dizem. A sua propria impetuofidade , como que a arreбата , e se no seu rápido curso encontra alguma particular elegancia , comfigo a leva , mais com a força das cousas que diz , do que com o polimento das palavras. Huma tal Eloquencia não deve as suas expressões a huma curiosa eleição , nem a hum certo verniz de elegancia , mas só ao ardor ,

dor, e fogo das coufas, que a fazem transportar. Semelhante (diz Cicero) a hum General, ao qual se o acafo lhe depara armas guarnecidas de ouro, e pedraria, combate com ellas, e triunfa, naõ por serem preciosas, mas por serem armas.

MAXIMA V.

Vir sapiens non idcirco elaborabit, ut dicere, & agere ad homines possit, sed ut ea potius, & loqui, & facere queat, quæ Diis grata, & jucunda sunt; & quidem, quantum poterit, viribus eniti, ut Diis obsequium præstet. Plato in Phædr.

JA' que em hum Pagaõ achamos taõ importante maxima, fallemos agora com os Oradores Evangelicos, posto que o nosso fim neste Tratado naõ seja discorrer immediatamente sobre a Eloquencia Christã. Mas estãnos desafiando hum Gentio, e envergonhando a muitos Pregoeiros da Palavra

lavra de Deos. Se he para estranhar ao Orador profano, affastarse do verdadeiro fim, que inspira a boa Eloquencia, que diremos do Prégador Evangelico, quando não se encaminha ao unico alvo, proposto por Deos no seu sagrado Ministerio? O fim do Orador Christão deve ser unicamente agradar ao seu Senhor, trabalhando na conversão das almas.

Mas que faz huma grande parte dos Prégadores desta idade? Tomaõ por fim o que só devia ser meyo. O meyo devia ser fallar bem; o fim devia ser agradar a Deos. E como transfornaõ elles esta ordem? Façamos hum bello Discurso (dizem comfigo) hum Discurso que agrade, que seja vivo, que adquira fama, e veneração nos ouvintes: isto não se dirá formalmente, e em termos expressos; mas creyo, que se diz tacitamente; e se não se profere com palavras, exprime-se com obras. E se não pergunto.

Pega hum Prégador na penna para compor hum Sermaõ, e qual he a primeira, e principal cousa, em que cuida? Que he o que lhe occupa a
ima-

imaginativa, o entendimento, e a memoria? Vale-se desta para que o focorra com algum facto historico, ou passo das letras Divinas, cuja applicação appareça engenhosa, e viva. Vale-se do entendimento para cousas, muitas vezes mais especiosas, que solidas, e da imaginativa, para descobrir humas imagens vivas, e brilhantes. Todo se occupa em buscar termos, em inventar expressões, e em dar aos periodos huma cadencia harmoniosa. Cança-se em fazer hum encontro, e opposição de palavras, que surprenda os ouvintes; em pintar huns retratos, cujas cores fação grande impressão na vista, e em mostrar nelles hum pincel, cuja delicadeza se admire.

Eisaqui como este Prégador só pretende agradar aos homens, e não a Deos, como unicamente devera: quer lisonjear os ouvidos do auditorio, e não converterlhe o coração. Ainda que elle encubra esta verdade, como indigna de feu alto Ministerio, os ouvintes judiciosos, e timoratos logo lhe estragaõ o segredo dizendo: „ O ho-
„ mem

„ mem intentou deleitarnos, e só teve
„ por fim, que admiráffemos a viveza
„ do seu engenho, a regularidade do
„ seu estylo, a elegancia das suas ex-
„ pressões; mas agradar a Deos, de
„ cuja palavra he Ministro, cançando-
„ se por nos converter, isso não quiz
„ elle: se o quizesse, por certo, que
„ não discorreria, como discorreo,
„ pregar-se-hia menos a si, e mais a Je-
„ su Christo.

Tomara poder entranhar bem no
coração de huns taes Oradores esta
verdade: não basta, para ser verdadei-
ro Ministro da Palavra do Senhor, ter
engenho, sciencia, elevação, e gran-
deza de alma: não basta ter lido os
Santos Padres, os sagrados Concilios,
e as letras Divinas. Tudo isto fim he
necessario, para não se prégar mal;
mas se o bom fim de agradar a Deos
não animar tudo isto, ha de se desfa-
zer em fumo todo esse aggregado de
excellentes qualidades. Oh quantos
saõ aquelles, aos quaes nenhuma outra
couza falta para serem verdadeiros Pré-
gadores, senão o fim proprio, que de-
ve ter hum Orador Christão! Se estes
facri-

sacrificassem a Deos o amor proprio, as falsas preoccupações, os máos exemplos, e a gloria mundana, que grandes Prégadores teriamos!

Que indignidade, que baixeza, cançarme de dia, e noite, dar tratos ao engenho, consumir todas as minhas forças a estudar, para que se diga: Discreto Prégador; fallou com toda a eloquencia! E pelo contrario, que gloria, que honra para hum Pregoeiro do Evangelho empenhar todas as forças do seu engenho, e do seu juizo, em agradar ao Senhor, de quem he Ministro, fazendo, com que se destrua o vicio, com que reine a virtude, e caminhem os homens à sua felicidade eterna!

Que mudança de idéas não haveria no entendimento de muitos Prégadores, se este fim entrasse huma vez de posse do seu coração! Dariaõ aos seus conceitos huma fórma em tudo diversa, e fallariaõ de hum modo affás differente. O seu estylo seria solido, e allumiados por huma nova luz, mudariaõ de gosto, e o que agora he a sua mais seria applicação, quasi lhes pa-

pareceria occupação de meninos. Em fim veriaõ , como sahindo dos torcicollos de huma eloquencia corrupta , se achavaõ em hum instante na grande , e magnifica estrada da boa eloquencia. Concluamos pois , que o fim operante , e a regra de composiçaõ , que deve ter quem sóbe ao pulpito , he o agradar a Deos ; maxima até recommendada por hum Gentio , instruindo aos professores da eloquencia profana.

MAXIMA VI.

Ne studio quidem operis pulcherrimi vacare mens , nisi omnibus vitiis libera , potest. Quintil. l. 12. c. 1.

PAra o Orador chegar a ser perfeito na sua Arte , não basta , que empregue nella toda a força da razaõ , e juizo ; he preciso , que tambem a virtude o guie , e foccorra. Esta verdade já os Antigos a conheceraõ , dizendo , que *não póde haver bom Orador , sem virtude moral.* Ora isto parece hum para-

paradoxo; mas a experiencia, e ainda a razão, mostra, que para se ser bom na arte de persuadir, primeiro se ha de ser bom nos costumes. Já mais se chega ao fim da Eloquencia, senão imprimindo-se nos animos a grandeza, e importancia daquellas verdades, que fazem, com que se extermine o vicio, e triunfe a virtude. E para se conseguir isto não he preciso, que haja no Orador hum grande fundo de probidade? Como ha de elle mover os animos, accendellos, e fazer nelles vivas, e profundas impressões, se tambem não estiver movido, abrazado, e persuadido? Este ponto entre os antigos Mestres da Oratoria não admittia a minima duvida, e até entre os Poetas, gente mais livre, corria de plano esta doutrina. Veja-se a Horacio na sua *Poetica*.

Nem se me dê em reposta: Que bastará, que o Orador se finja virtuoso, quando na realidade o não seja. Não basta; que isso seria confundir o Orador com o Comediante; nem huma Academia he o mesmo, que hum Theatro. Quanto mais; este que af-

fim

sim falla , entenderá , que póde conservar por longo tempo a sua hypocrisia ? Como se engana : ha olhos mais perspicazes , do que elle cuida. Tarde , ou cedo cahirá a pelle de ovelha , e apparecerá o lobo ; porque he muy difficil expor-se hum homem ao publico , e não apparecer qual he na substancia.

Se neste ponto tem pezo as authoridades , certamente haõ de pezar mais as dos Gentios , por isso mesmo , que da sua cegueira se não póde esperar luz. Ora lea-se a Quintiliano , onde faz esta pergunta : Está hum Orador , homem de máos costumes , no mesmo gráo (se he possivel) de engenho , de estudos , e de doutrina , com outro , que he de conhecida probidade em todas as suas accões. Qual dos dous excederá em eloquencia ? Ha de certamente exceder , o que for melhor nos costumes. *Demus id , quòd nullo modo fieri potest , idem ingenii , studii , doctrinae pessimo , atque optimo viro : uter melior dicetur Orator ? Nimirum , qui homo quoque melior.*

A vida virtuosa faz eloquentes ;

C

por

porque poem o entendimento , e o coração do homem naquella disposição , em que hum , e outro deve estar , para poder persuadir , e convencer. E que disposição será esta tão necessaria à Eloquencia? He hum certo gráo de persuação , que reside no entendimento , e hum certo sentir , que reina no coração , ao qual já mais chegará quem não for homem de bons costumes. Só he proprio de huma alma desembaraçada de todo o vicio , (como affirma Quintiliano) e de hum espirito livre de affectos desordenados, o occuparse em hum estudo tão nobre , e tão perfeito , como he o da Eloquencia.

Hum mesmo entendimento poderá talvez no mesmo tempo conceber as melhores, e as peyores cousas? Poderão unir-se em hum mesmo coração os sentimentos mais honestos , e elevados , com os mais abatidos , e torpes ? Tudo isto será possível , se o mesmo homem puder ao mesmo tempo ser , e não ser virtuoso. *In eodem pectore nullum est honestorum , turpiumque consortium , & cogitare simul ac deterri-*
ma ,

ma, non magis est unius animi, quàm ejusdem hominis bonum esse, ac malum.
Quintil. l. 12. c. 1.

Ha cousa mais desordenada, e dividida (continúa o mesmo Mestre) do que huma má consciencia? *Nihil tam laceratum, quàm mala mens.* E em tanta confusão que lugar póde ter a Eloquencia? Ella, que pede hum entendimento claro, e sereno, e huma perfeita uniaõ de todas as potencias da alma, de maneira, que nenhuma cousa as possa separar, e dividir! Esperar merecer o nome de Orador o homem, que não tem probidade, será pretender de hum campo cheyo de abrolhos a producção de bons frutos. *Quis inter hæc eloquentiæ locus? Non hercle magis, quàm frugibus in terrâ sentibus, ac rubis occupata.*

Finja-se com a arte possível o Orador de má vida; procure adquirir por artificio os requisitos virtuosos, que nelle não ha; que em fim ha de se descobrir o seu fingimento: elle mesmo se ha de entregar. Por mayor que seja o seu talento para a Eloquencia, impossível he que não vacile, quando

a sua lingua não corresponde , nem concorda com o seu entendimento , e coração. Pelo contrario ao Orador de probidade basta-lhe abrir a boca , para fallar com eloquencia. As suas palavras são expressões do que em si sente ; e hum discurso , que tem por fonte a hum coração cheyo de honra , e virtude , sempre he hum discurso eloquente. *Prodit se* (ainda continúa o mesmo Quintiliano) *quàm libet custodiatur , simulatio ; nec umquam tanta fuerit eloquendi facultas , ut non titubet , ac hæreat , quoties ab animo verba dissentiunt. Vir malus aliud dicat , necesse est , quàm sentit ; bonos numquam honestus sermo deficiet.*

As bellezas de Eloquencia (se hum coração virtuoso he quem as ministra a hum recto entendimento) são de hum valor infinitamente mayor , que o de todas aquellas , que nascerem de outra origem. Antes atrevo-me a dizer , que só estas são as verdadeiras , e solidas bellezas da Eloquencia. O Orador , que não tiver probidade , impossivel he , que dê com esta mina. Diversos retratos , e caracteres
se-

serão todo o objecto da sua pretendida eloquencia. Observe-se a hum destes, e verseha, como se espraya em usar de imagens pomposas, como brinca com descripções magnificas, e como corre atraz de conceitos engenhosos, e vivos. Será muito embora o seu Discurso ornado, agradável, subtil, e elegante; será em summa o que quizerem, mas não será eloquente. Assim como este homem tudo isto concebeo, produzio, escreveo, e imprimio na memoria, sem ficar commovido, assim igualmente tudo isto dirá em publico, sem que os ouvintes sintão em si commoção.

Destas breves observações, que deixamos expendidas, claramente se colhe, que não ha Orador perfeito, sem probidade de costumes. Mas para tirar toda a apparencia de paradoxo, que no juizo de alguns poder ter esta maxima, torne outra vez hum Gentio a testificar a verdade della :

„ Mostray (diz Cicero no seu *Ora-*
„ *dor*) mostray diante de vossos ou-
„ vintes, que sois quaes deveis ser :
„ este he o ponto mais importante da
„ Ar-

„ Arte Oratoria. Mas o chegar a este gráo he obra só do caracter de huma vida sem vicios, vida que não respira, senão grandeza de animo, e nobreza de pensamentos. Se faltar esta probidade, de que serve o grande numero de preceitos, que deixaraõ os Rhetoricos? Serve para fazer váos, e insípidos Oradores, que restringem toda a perfeição da sua arte em agradar, e lisonjear à multidaõ. Este era o juizo, que formava o famoso Plataõ nos seus Dialogos, onde descreve a estes homens taõ dignos de rizo, quanto saõ mercedores de desprezo.

Naõ transcrevo esta doutrina em Latim, por não ser prolixo: não affecto copiar authoridades, especialmente sendo longas; porque assim como me canção a mim, tambem cançaráõ ao leitor. Quanto mais, que aquelles que me lerem, se forem instruidos, bem saberáõ a verdade, com que allego os Authores; e se forem indoutos, entendo, que não me haõ de negar a fé. Parecia esta satisfação escusada; mas serve para as outras Reflexões, que ainda temos, que fazer;

zer ; prevenindo deste modo alguns reparos daquelles medrosos , que nunca apparecem em publico , sem hum esquadraõ de authoridades , e citações.

MAXIMA VII.

Feratur igitur (Eloquentia) non semitis , sed campis : non uti fontes angustiis fistulis colliguntur , sed , ut latissimi omnes , totis vallibus fluat , ac sibi viam , siquando non acceperit , faciat. Quintil. 5. c. 14.

A Eloquencia quer liberdade ; ama hum caracter facil , desembarcado , e natural , que reine em todas as partes do Discurso ; porque tudo o que a restringe , e violenta , vem a destruilla. Não ha cousa , que mais defagrade , do que huma pessoa de acções , e gestos , todos compassados , e medicos : não falla , não obra , não se move , que não seja em cadencias , e affectados requebros. He certo , que ainda quando esta tal pessoa fosse
a mes-

a mesma formosura , nunca poderia chegar a agradar aos judiciosos, e fizados. Pois o mesmo digo da Eloquencia, que não he livre : para mim tem hum não sey que , que para logo me enfastia.

Mas em que consistirá esta liberdade , que recommenda Quintiliano ? Será por ventura huma cousa , que não se possa exprimir ? Não : consiste em hum estylo , no qual não se dê a conhecer o estudo, e a arte, mas só a natureza se conheça dominante; huma natureza cultivada, polida, e que deve este polimento, e cultura à muita reflexão, e estudo. Seria para desejar, que o Orador exprimisse as cousas, como as diria no estado da innocencia : por certo, que então o seu estylo seria livre, porque seria facil, natural, e simples. Mas como não he possível este feliz tempo, he preciso, que o Orador trabalhe por conseguir este bem. Para o alcançar, necessita muito de empregar toda a força, e delicadeza da Arte, considerando, que esta serve unicamente para restituir a Natureza à sua primeira perfeição. Se
ella

ella não chega a isto , mostra falta ; se passa disto , mostra excessso.

Ora que fazem pela mayor parte os Oradores , que ainda não chegaraõ a perceber este segredo? Vá-se a qualquer Academia , e verseha , como saõ raros aquelles , que se cançaõ em aperfeiçoar a natureza , e como saõ muitos os que a destroem à força de arte. Nas Orações , e Discursos destes a natureza deveria sempre vencer a arte ; e pelo contrario a arte he quem sempre vence a natureza. Que cousa mais opposta àquella amavel liberdade , porque suspira a Eloquencia , do que saõ as palavras demasiadamente escolhidas , e as frases como postas a nivel , nas quaes todas as vozes , e ainda syllabas , vaõ por conta ? Que cousa mais contraria , do que huns periodos , nos quaes achamos sempre a mesma cadencia , a mesma harmonia , e o mesmo som ? Que cousa mais opposta , do que as Figuras demasiadamente engenhosas , e que trazem (digamos assim) escrito na cara todo o artificio do Orador ?

Este ponto dava para longas paginas,

ginas, se nós quizeſſemos fazer anatomia na organizaçãõ de muitos Discursos, que passaõ por eloquentes; mas logo no principio assentãmos em não criar inimigos. Para fazermos bom fruto no Orador de máo gosto, queremos conciliar a sua benevolencia, e não despertar o seu odio. Tornando ao ponto, ha quem gosta de huma certa simetria, e ordem esculpuloſa no dizer, e no urdir, que o faltar a ella, he peccado, que não se perdoa. E eu pelo contrario góſto de achar em huma obra de Eloquencia alguma couſa desordenada; porque huma ordem sempre conservada ſabe muito a arte, e chega-se baſtantemente para a affectaçãõ. Nós não costumamos chamar rica a huma pessoa, que só tem o que lhe he necessario: o mesmo devemos dizer da Eloquencia; pois não se contenta só com os bens precisos, tambem os quer ter em abundancia. Ora quem diz abundancia, diz alguma couſa, que exceda o necessario; e este excesso são as riquezas, que a Eloquencia mais estima, por estas lhe abrirem largo campo para a sua liberdade.

Quan-

Quando leyo entre os Antigos a Cicero, e entre os Modernos ao illustre Bossuet, folgo de descobrir nelles certas partes ou desprezadas, ou que o parecem; certas cousas, como lançadas à fortuna, e ditas a acaso, das quaes poderia dizerse, que as trouxeram sem reflexão, e só por mera casualidade. Mas oh quanto estas negligencias são obra de huma grande arte, e produzem nos animos hum nobre effeito! São estas negligencias (diz o Orador Romano) daquellas, que nos enfeites das mulheres servem de dar mais alma, e graça à sua formosura. Nellas os adornos postos como em simetria, e com exacta correspondencia, certamente não lhes augmenta a belleza, e só devem esta lição a huns ornatos contrapostos a outros, e a humas certas casualidades, que denotão falta de artificio.

Pois eis aqui justamente como a Eloquencia quer ser ornada: isto he, quer que se dê a hum Discurso certo ar de liberdade, de que gosta a natureza, e tão pouco conhecido he da mayor parte dos Oradores modernos.

Em

Em fim eu (se hey de dizer tudo o que sinto) até gósto de encontrar algum defeito nas obras de Eloquencia. E a razãõ he , porque me parece defeito em hum Discurso o não ter algum defeito. Parecerá isto extravagancia ; pois já Plinio sentia o mesmo , dizendo na Epistol. 26. do l. 9. , que em materia de Eloquencia o *nunca peccar he peccar*. E a razãõ he ; porque em hum Eloquentes o nunca peccar , he final de demasiada circunspecção , e por consequencia (pouco menos que inevitavel) de hum fallar violento.

Passemos por hum jardim , no qual não se offereça aos olhos outra cousa , se não o que fez a industria do jardineiro , ou do artifice. Por bello que seja , não estaremos nelle muito tempo , sem que nos enfastie. Não podemos soffrer a Arte , huma vez , que opprimio a Natureza. Quizeramos ver nelle humas como negligencias , em que se désse a conhecer o natural , e simples , e não o affectado , e pomposo. Hum grande torno de agua entornado , como a acaso , por huma
caí-

cascata, quanto mais recreya os olhos, do que os brincos de hum repuxo? Estes, como obra clara da arte, logo faciaõ o gofsto; aquelle, como imitação da natureza, que affecta huma certa negligencia, visto muitas vezes, sempre agrada, e chama pelos olhos de todos.

Se nós podessemos, e soubessemos illustrar as Orações, e Discursos do eloquentissimo Bossuet, versehia entãõ, que coula he aquella liberdade indispensavel à Eloquencia, e aquellas negligencias, de que estamos fallando. Porém baste dizer, que nelle naõ ha estylo, que possa chamar-se embaraçado, ou tardo, antes tudo he fluido, e tudo veloz. Póde-se dizer, que he a natureza a que falla; mas huma natureza, que nada tem de rustico, e inculto. Nenhuma expressãõ he esquadrinhada; antes qualquer dellas parece, que naturalmente, e sem estudo viria à boca de todos. Dá sempre este famoso Orador à sua materia a figura, que lhe parece, abrandando-a como muito quer, e dando-lhe para logo aquella fórma que pretende.

Que

Que abundancia , que riqueza de expressões , de pensamentos , e de imagens ! Que maravilhosa mistura de razões , e de authoridades Divinas ! Em fim , que liberdade de Eloquencia !

Para este homem pasmoso remetto o leitor de perspicaz entendimento , e descobrirá nelle aquella negligencia , que he obra de huma não ordinaria applicação , e que tanto mais custou , quanto menos parece ter custado. *Quædam negligentia est diligens* , dizia o grande Orador Romano ; e accrescentava , que isto he que dava a conhecer ao Eloquente por mais cuidadoso nas cousas , que nas palavras : à maneira das mulheres fizudas , nas quaes cousa nenhuma diz melhor , como a falta de enfeites , sendo o não se adornarem o seu melhor adorno. *Indicat non ingratham negligentiam de re hominis magis , quàm de verbis , laborantis. Ut mulieres esse dicuntur inornatæ , quas idipsum deceat.*

MAXIMA VIII.

Sed hoc pati non possumus, & perire artem putamus, nisi appareat; cum desinat ars esse, si apparet. Quintil. l. 4. c. 2.

COMo na Reflexão antecedente não apontámos os motivos, porque muitos Oradores não sabem dar à sua Eloquencia aquella precisa liberdade, que a faz senhora do Argumento, tocaremos agora este ponto, descobrindo alguns motivos, já que impossível he mostrar todos; e com especialidade apontaremos hum, que he talvez a principal causa, porque em muitos Discursos não ha aquelle dizer livre, que tanto praticarão os bons Antigos. O Padre Gisbert, que tanto até aqui nos tem soccorrido, continuará a dar-nos a sua doutrina, já que nelle he, que achámos este ponto tratado com diffusão, e clareza.

Falta a liberdade na Eloquencia, porque sobeja a arte no Orador. Eu me
ex-

explico: ha de se fazer huma Oraçãõ, ou qualquer outro Discurso eloquente; e neste caso que faz seu Author? Traz logo à memoria todas as partes, de que se compoem a Oraçãõ Oratoria, para inviolavelmente, e sem limitaçãõ as pôr todas nos seus lugares affinados. Eis aqui o miseravel Orador metido por ignorante dentro de hum circulo, que elle mesmo fez, e do qual jura não sahir, queira, ou não queira. E que mais he preciso para perder a Eloquencia a sua amavel liberdade?

Desenganemos a hum tal Orador. Os Mestres da Arte de bem fallar fim nos deixaraõ apontadas as partes, e membros, de que se compoem o corpo da Oraçãõ, e assinalados os lugares, que lhes pertencem. Mas estes preceitos não são tão rigorosos, que não admittaõ sua limitaçãõ; e para prova disto bastará ler os Oradores Antigos. Por exemplo, nem sempre a Oraçãõ ha de principiar por hum *Exordio*, qual por via de regra prescreve a Arte: tambem se póde começar *ex abrupto*, movendo logo affectos vehementes.

tes. Nem sempre he clara , e manifesta a *Divisaõ* do Assumpto: tambem a ha occulta , e esta foy sempre dos Antigos a mais estimada. A *Narração* no lugar , que se lhe aponta , nem sempre he preceito inviolavel ; e occasiões ha , em que ou não a deve haver por modo narrativo , ou se deve confundir com a *Confutação*. Em fim , por não sermos prolixos , folhee-se bem a Quintiliano , e verseha , que as Partes Oratorias nos lugares , que commummente se lhe determinaõ , não são de inviolavel observancia : o observar a Natureza he que he preceito , que já mais se revoga : ella he só a regra viva , e dominante , que altera , quando melhor lhe parece , as disposições da Arte , e só deste modo he que a Arte deve ser obedecida.

O Orador , que não está nestas cautelas , porque não tem bebido nas fontes puras , assenta pelo contrario , que destroe a Arte , se não organiza sempre a sua Oração (e por hum modo bem visivel) com todas aquellas partes , de que ella deve compor-se , e nos proprios lugares , que lhes são

D

des-

destinados. Erro grande (diz Quintiliano) antes a Arte huma vez que claramente apparece , entãõ he que morre , e deixa de ser Arte ; entãõ he que a Eloquencia dominante perde a sua indispensavel liberdade.

Contraamos mais esta doutrina , e mostremos ao Orador , o quanto vay mal aconselhado em ostentar a Arte à risca , pondo sempre os membros da Oraçãõ nos seus lugares prescriptos , para que todos os vejaõ. Impossivel he (porque pediria hum grosso volume) discorrermos por todas as Partes da Oraçãõ : tomaremos huma , que na verdade he a que os Oradores modernos mais affectãõ mostrar , e consequentemente he a mais fatal à liberdade da Eloquencia. A principal culpa , em que cuida o Orador , depois de escolhido o Argumento , he em dividillo em duas , ou tres proposições , restringindo-se , e encerrando-se neste circulo de maneira , como se o fahir delle fosse no juizo da Eloquencia huma culpa mortal.

Eu faço duas distinctas classes de *Divisões* Oratorias : huma sensivel , e ma-

manifesta, outra insensível, e occulta. A primeira he pouco recommendavel; porque em duas, ou tres partes distinctas, e declaradas se manifesta ao auditorio; a segunda he obra especial de huma Arte judiciosa; porque insensivelmente passa de hum para outro ponto, sem avisar expressamente aos ouvintes, de que faz a tal passagem. Ambas estas Divisões se achão praticadas nos bons Antigos, posto que com raridade, a que he *sensível, e manifesta*. De todas as Orações que temos de Cicero, só oito se achão com esta Divisão; e Demosthenes quasi nunca se servio della.

Prescindindo de alguma occasião particular, tenho por certo, que he contra a ordem natural prescrever huma ley inviolavel de dividir sempre qualquer Assumpto em duas, ou tres partes; e não terey difficuldade alguma de dizer, que não póde darse cousa tão opposta à boa, e livre Eloquencia, como esta casta de Divisões sempre certas, e reguladas. Póde entrar em duvida, se a verdadeira Eloquencia deva ser natural? He certo, que

naõ. Pois naõ he coufa evidente, que as Divisões claras, e manifestas fazem no Discurso huma certa affectaçãõ, com que logo se descobre a Arte? Naõ saõ commummente obra de hum engenho timido, e mesquinho, que per si mesmo se prendeo, naõ podendo fahir dos limites, que prescrevera?

Tomara perguntar a hum destes, onde está nas suas Orações a *unidade*, aquella unidade, que deve haver em todo o Discurso eloquente, a qual consiste em hum certo ponto, ao qual (como ao seu centro) se deve directamente encaminhar tudo o que se disser no Discurso? Se eu quizera fazer a analyse a muitas Orações, entãõ se veria, como em lugar de hum, se achãõ nellas dous, e tres Discursos diversos. Cada hum com seu *Exordio* à parte, e com a sua *Proposiçãõ*, e nem ainda esquece a mesma *Peroraçãõ*. Eu bem sey, que huns taes Oradores por meyo de varios giros, e reflexões, que de longe vem deduzindo, se canção por conduzir a hum mesmo fim tudo o que disserãõ nas Divisões, e pretendem deste modo salvar a unidade;

de ; porém mal sabem elles , que os intelligentes lhe dizem : Isso não he salvalla ; he querer , que ella appareça , onde não está.

Mas já estou ouvindo , que se me diz : Pois não he a *Divisão* huma parte essencial do Discurso ? Aquella de que commummente se usa , isto he , a manifesta , e sensivel , não : só a insensivel , e occulta he que a Eloquencia tem por *essencial* , porque he a distribuição do Assumpto nas suas partes , segundo a ordem natural , que ellas tem entre si. Desta Divisão nunca deixaraõ de se servir nos seus Discursos os antigos Oradores. Verdade he , que os que não estaõ costumados a esta especie fina , e delicada de dividir o Argumento , custa-lhes muito a dar com ella. As Orações de Demosthenes , e Cicero parecem-lhes sem ordem , e sem disposição ; mas os intelligentes reflectindo attentamente nellas , descobrem-lhes huma ordem maravilhosa , e huma continuacão natural de verdades , e razões. Admirãõ a occulta arte , com que passaõ de humas para outras cousas por meyo
de

de huns modos, e connexões, pouco menos que insensíveis. Quando huma vez o entendimento tomou o gosto a esta ordem, taõ accommodada para encobrir a Arte, custa-lhe muito o sujeitar-se àquellas vulgares passagens de hum para outro discurso, das quaes se usaõ nas Divisões claras, e manifestas.

Supposta a doutrina, que deixamos apontada, parece, que pretendemos desterrar da Oratoria humas taes Divisões, naõ obstante a sua antiga posse. Por certo, que bem o quizeramos, ou ao menos, que se apparecessem, fosse, quando o mesmo Assumpto o pedisse, e isso por hum modo simples, e natural. Mas o mais seguro seria excluir da Eloquencia o que foy excluido, ou ao menos muy pouco usado, pela sabia Antiguidade, assentando os Oradores Gregos, e Latinos, que humas taes Divisões violentavaõ, e enfraqueciaõ a perfeita Arte de bem fallar.

Este era o commum juizo, que se formava, em quanto a Eloquencia conservou o seu imperio. Entrou a
de-

degenerar o bom gosto , e os que tomaraõ o officio de fallar em publico , como naõ tinhaõ noticia alguma dos segredos da sua Arte , antes parecia , que juravaõ naõ ter familiaridade com os antigos Mestres , entraraõ a entender as regras ao pé da letra , cuidaraõ em aliviar a memoria , e em supprir a falta de invençaõ com o favor das Divisões sensiveis , e descobertas. Ora isto foy agradando muito com o tempo , porque assim custava pouco a orar. Fundava-se o Orador em humas vagas , e geraes proposições , e sobre ellas discorria por algum tempo. Deste modo ao compor crescia o caderno , e depois enchia-se a hora. Que naõ se penetrasse o interior do Assumpto , que este naõ se mostrasse de todos os lados , e que naõ se exaurisse tudo o que nelle havia , isso pouco importava. Eis aqui como entrou o abuso de humas taes Divisões , e com ellas a ridicula ostentaçaõ da Arte , que Quintiliano condemna na presente Maxima , como cousa taõ fatal , e perniciosã à mesma Arte.

 MAXIMA IX.

Est enim grata in eloquendo novitas, & commutatio, & magis inopinata delectant. Quintil. l. 8. c. 6.

Assim como os nossos olhos gostam de ver o que nunca viram, assim o nosso entendimento gosta do deleite, e admiração, que lhe causa a novidade. Donde se segue, que Obras de Eloquencia sem esta belleza não podem (como deveriam) encantar, e attrahir. Mas aqui he que está toda a difficuldade: e como ha de o Orador mostrar em seus Discursos esta virtude, se difficultosamente haverá assumpto sobre o qual se não tenhaõ descoberto todas as preciosidades, que elle encerrava? Confesso, que a empreza he bem difficil; e o peyor he, que della não póde fugir o Orador, porque a verdadeira Eloquencia quer novidade. Ora soccorramo-lo neste aperto, abrindo-lhe algumas estradas, por onde possa caminhar.

Sup.

Supposto ou não se poder já descobrir, ou ser muy perigosa, a novidade nos Assumptos, póde o Orador ao menos conseguir este requisito no *Desenho* de seus discursos. Chamo desenho à divisaõ, distribuiçaõ, ordem, e disposiçaõ da materia, de que se ha de tratar. Não se siga o caminho trilhado por outros; que he especie de escravidão não querer, ou não saber dar passo, senão sobre pizadas alheyas. Levante o Orador a cabeça, faça bom conceito de si, para se persuadir, que póde inventar hum novo desenho, que nunca a outros lembrou. Em materias de Eloquencia he necessaria invençaõ, e atrevimento no desenharem hum Discurso; o ponto está em ser feliz o inventor, descobrindo na substancia do seu Assumpto divisões, e distribuições, que ainda se não tenham visto. Mas tudo isto deve fazer, cuidando no mesmo tempo em conservar inviolaveis as leys, que em tal caso prescreve a Natureza, o discernimento, e a razão. Atrevo-me a dizer com segurança, que a ordem, e disposiçaõ de discurso, que for mais
na-

natural, essa será a que mostre mais novidade, por ser cousa, de que communmente se foge, não se tendo por belleza da Eloquencia.

Em segundo lugar, póde o Orador mostrar novidade nas *Cousas*, isto he, na substancia, e formosura interna da materia, de que tratar. Cave-a, e profunde bem a meditação, que sempre ha de descobrir novas minas; assim como depressa se exhaure a materia, quando a reflexão pára na superficie, e se contenta (digamos assim) só com a apalpar, devendo fazer nella huma especie de anatomia. Tambem a novidade nas *Razões* he hum meyo excellente, para se chamar novo a hum Discurso.

Naõ se entenda, que eu tome aqui por *novas* aquellas Razões, que são nimiamente esquadrihadas, e oppostas ao sentido commum; porque estas no meu sentir são as fezes, e não o ouro da Eloquencia. Antes o que eu desejava persuadir bem ao Orador, que quer apparecer em seus Discursos com agradavel novidade, he, que já mais se aparte do que he popular. Pa-
rece

rece isto hum paradoxo, e he verdade solida ; porque em tanto o Orador causará novidade , em quanto causar deleite aos judiciosos, e para estes são muito más razões , as que não são populares. Este ponto he de tanta importancia, e anda commummente tão mal entendido , que para instrucção do leitor faremos sobre elle hum especial Discurso.

Com a novidade nos *Conceitos* póde igualmente ser nova a Oração ; mas fonte he esta tão perigosa , que nella se póde beber ou agua venenosa , ou pura. Quantos levados do ardor de dizerem conceitos novos , vem facilmente a cahir em affectações puerís , em pensamentos desmedidos, e em huns raptos de fantasia, que vão fóra da esfera do sentido commum ! Não se póde duvidar , que seja este hum meyo accommodado , para haver conceitos novos ; mas tambem o he , para que se oução absurdos. A Eloquencia não admitte novidade , que não seja prudente, racional, e modesta ; donde se colhe , que dizer pensamentos novos, não he hum discorrer diver-

diverso, e opposto àquelle, a que pôde chegar o commum dos homens; he fim hum produzir cousas, que qualquer com facilidade poderia dizer, mas que de ordinario não se ouvem. He hum dom, que todos podem ter, e que poucos tem; de modo que he verdade dizer (posto que pareça bem estranho) que assim como nada custou tanto à Eloquencia, quanto o que parece, que menos lhe custara; assim cousa nenhuma ha, que pareça mais nova em hum Discurso, como aquillo, que (ao parecer) todos diriaõ. Eis aqui a regra, com que o Orador deve medir a novidade dos seus conceitos.

Demos mais outro soccorro, para ser novo em suas composições aquelle, que serve à Eloquencia; e vem a ser, persuadir-lhe novidade nas *Expressões*. Segundo os mayores Mestres da Antiquidade, não ha talvez cousa, que dê às Obras eloquentes mayor grandeza, elegancia, e pezo, como he a belleza das expressões. Por certo; que ellas são as que dão às cousas huma especie de alma, e são como luz
pro-

propria, e natural de nossos pensamentos. Mas entre as expressões *bellas*, as *novas* tem sem contradicção o primeiro lugar; e muitas vezes a novidade só per si constitue todo o merecimento, e belleza dellas. Porém he preciso advertir, que eu não tenho por novas aquellas expressões, cuja novidade está em se valerem de vozes novas, isto he, de palavras, que ainda não estão recebidas, e authorisadas pelo uso. Antes pelo contrario entendo, que das palavras mais usuaes, he que se podem tirar felizmente expressões novas, attribuindo-lhe hum sentido em tudo novo, por meyo de humas certas applicações novas, que se dão aos termos mais communs. Mas convem advertir, que estas applicações devem-se fazer com tal arte, que não saibão a violencia, ou affectação. Não ha de apparecer nellas estudo, mas só hum certo impeto de engenho, que para representar com modo vivo, e com especial nobreza os seus pensamentos, vay (digamos assim) roubar do seyo da natural, e commua significação das cousas certos modos de falar,

lar, para unir a ellas imagens totalmente novas, e huma significação, que antes não tinhaõ. O descobrir estas expressões, e o usar dellas com felicidade, he só para os engenhos vivos, e elevados: os frios, e medianos nunca chegarão a produzir estas luzes.

Em ultimo lugar, póde o Orador apparecer novo aos seus ouvintes com a novidade nos *modos de dizer*. Isto he summamente difficil, porque são muy poucas as maneiras de Eloquencia, que o entendimento póde inspirar em hum Discurso, as quaes não estejaõ já ditas pelos Oradores, que nos precederaõ. De hum campo taõ abundante apenas deixaraõ de colher alguma espiga, deixando-a para os vindouros. Neste aperto o que quer a boa Eloquencia, he, que os Oradores modernos, em lugar de porem grande estudo em ornar suas Obras com os modos, e maneiras de dizer taõ triviaes entre os Antigos, se apartem dellas, quanto lhes for possivel, porque com tanto uso vieraõ a ficar velhas, e gastas. E para acharem novas fórmãs de se exprimirem, recommenda-lhes, que
con-

consultem o seu coração , que nelle acharáõ huma fonte taõ abundante , que já mais a poderáõ exhaurir. Com este segredo descobriráõ para os seus pensamentos mil differentes modos de dizer , os quaes tanto mais agradaráõ , e produziráõ seu effeito , tanto mais seraõ novos , quanto mais naturaes se mostrarem. Em huma palavra , só o coração he o que dá verdadeiramente engenho , e abundancia no dizer , como affirmava Quintiliano : *Pectus est , qui disertos facit.*

MAXIMA X.

Gaudent enim res varietate : Et sicut oculi diversarum aspectu rerum magis detinentur , ita semper animis præstant in quod se velut novum intendant. Quintil. l. 9. c. 2.

SE a novidade dá tanto realce à Eloquencia , naõ lho dá menos a *variedade* nas mãos de hum perfeito Orador. A Arte de bem fallar he nisto
(co-

(como em tudo o mais) perfeitamente semelhante à Natureza. Tiray a esta toda a sua variedade, e vereis como ao mesmo tempo lhe tirais toda a sua graça, e formosura. Se o Universo não tivesse se não hum objecto para expor à nossa contemplação, elle que todos os dias está dando aos nossos olhos novo deleite, bem depressa nos enfastiaria. Se em todas as partes de hum jardim se não visse, senão huma mesma flor, muy pouca recreação nos causaria pela sua uniformidade.

Os nossos olhos sentem particular gosto em estender a vista por varios objectos; e se a detem sobre hum só por dilatado tempo, facilmente se enfastiaõ; porque o seu deleite he poder ver muitas cousas de huma vez. O mesmo succede ao nosso entendimento: se de continuo se lhe apresentaõ novos objectos, com particular gosto se detem nelles; mas se o demoraõ muito sobre o mesmo, logo se desgosta, e o que antes era deleite, troca-se em fastio. Assim como elle recebeo de Deos hum infinito desejo de conhecer, assim satisfaz de algum mo-

modo esta sua ancia , e cubiça com a multiplicidade dos objectos. Se quer pois o Orador agradar , se quer que seus ouvintes se não enfastiem , ponha todo o cuidado , em que os seus Discursos tenhaõ huma agradavel variedade ; pois que a mesma Natureza lhe está inspirando a que lha dê.

Primeiramente varie de *Estylo* , e não tenha por errado este conselho ; porque não he o mesmo hum estylo variado , e hum estylo diverso. Hum Discurso de estylo diverso , he hum pessimo Discurso ; mas o que he variado , desempenha nesta parte as leys da Eloquencia. Por mais que se varie o estylo , sempre deve ser o mesmo ; isto he , sempre deve parecer pintura , que sahio da mesma mão , e sempre conservar (digamos assim) o mesmo colorido. Hum grande rio não he sempre o mesmo rio ? E com tudo que variedade não observamos no seu curso ? Aqui o vemos correr por hum caminho estreito , acolá por hum campo espaçoso. Em humas partes corre com impeto , em outras com mansidão. Humas vezes move-se sem sus-
E surro,

furro , outras parece que se torna contra as pedras , que lhe poem impedimento à passagem. Nem todas as prayas , que banha , são igualmente ferteis , e amenas , e quanto mais se chega ao mar , tanto mais arrebatado he o seu curso.

Ora eis aqui tem o Orador huma fiel imagem da variedade , com que deve ornar o seu estylo. Seja este humas vezes grande , outras humilde ; mas nunca de modo , que venha a cair em viciosa baixeza. Occasões ha , em que deve ser compassado , medido , e que fira harmoniosamente os ouvidos ; outras em que deve ser quasi desconcertado , e como sem ordem , sem numero , e sem medida. Ha lugares , em que deve apparecer succinto , em outras diffuso. Aqui , como de fugida , nasção algumas flores ; acolá algum espinho , isto he , não seja sempre ornado. Depois de ter arrebatado tudo com a vehemencia , corra doce , moderado , e sereno ; mas em qualquer occasião mostre sempre alma , e viveza. De ordinario seja grave , e severo ; de quando
em

em quando hum pouco adoçado , e brando. Cuide o Orador com muita advertencia , em que sempre vá crescendo seu estylo , e à medida que for chegando ao fim do Discurso , assim lhe augmente algum novo gráo de força , e vehemencia. Em fim conforme o estylo às cousas que differ , e esta bella variedade será o melhor adorno , com que o poderá ornar.

Naõ ha cousa , que venha a causar mayor tedio , do que huma uniformidade de estylo. Eu apenas leyo duas paginas de certos eloquentes , sem me enfastiar. Confesso , que estes fallaõ sempre com viveza , magnificencia , e harmonia : pois isso mesmo he o que me enfastia. Nada para mim he taõ tedioso , como hum Discurso sempre vivo , sempre harmonico , e sempre pomposo : hum Discurso cujo primeiro periodo serve de fórma para todos os outros. Engenhos , que naõ sabem tomar se naõ huma só figura , bem longe estaõ da Eloquencia , que tanto se funda em huma agradavel variedade. Do engenho de hum bom Orador deve-se dizer o mesmo , que os

Filosophos dizem da Materia , isto he , que he apta para receber qualquer fórma.

Neste ponto muito mais poderamos aqui dizer ; mas por evitarmos hum longo discurso , julgamos mais conveniente reservar para a illustraçã de outras Maximas o mais que resta dizer sobre a variedade no estylo Oratorio. E por não guardarmos isto para mais longe , entremos já na materia , fallando daquella harmonia , e suavidade de estylo variado , com que o Orador deve causar deleite aos seus ouvintes.

MAXIMA XI.

Voluptati aurium morigerari debet Orator.
Cicero de Orator.

Justamente recommenda o Pay da Eloquencia Romana , que o Orador deve pôr summo cuidado em satisfazer aos ouvidos do auditorio com hum estylo numerofo , e cheyo de harmonia,

nia, de maneira, que lhe cause goſto com a belleza, e ſuavidade do ſeu dizer. E a razão he muito importante; porque para perſuadir he preciso agradar, e o agradar diſpoem os animos, e abre maravilhoſamente o caminho para a perſuaſão. Nós não podemos communicar immediatamente os noſſos conceitos ao entendimento dos que nos ouvem; e por iſſo neceſſitamos de certos ſinaes ſenſiveis, que ſão as palavras. Vão eſtas primeiro fazer impreſſão em ſeus ouvidos, e por elles, como por hum meyo absolutamente neceſſario, levaõ ao entendimento, e coração alheyo tudo quanto nós ſentimos, e diſcorremos. Mas ſe ſucce- de, que as palavras façaõ nos ouvidos do auditorio huma deſagradavel impreſſão, vay tambem eſte deſagrado imprimirſe em ſuas almas; e como ellas em certo modo ſe offenderaõ com a tal ingrata impreſſão, o effeito, que daqui ſe ſegue, he fazerem-ſe ellas difficuloſas a ſe deixarem perſuadir.

Deos quando nos creou, poz-nos no orgão do ouvido, ou (dizendo melhor) na noſſa meſma alma, huma co-
me

mo medida das palavras ; e da uniaõ , e mistura dellas feita com arte se fórma o que no Discurso chamamos numero , e harmonia. Neste severo tribunal julga a alma como soberana , se este numero , e harmonia está na sua justa proporçaõ ; se pecca por excesso , ou por falta ; e se enche inteiramente o ouvido , ou se teria elle mais que appetecer ; porque o ouvido (como observou bem Cicero) he de hum gosto muito mais difficil de contentar, do que o entendimento. O que basta para contentar a este , não basta para aquelle. *Vocum & numerorum aures sunt judices quarum est judicium superbissimum. Animo istuc satis est , auribus non satis.* Huma prova bem authentica desta verdade temos no mesmo Orador Romano : admirava elle a Demosthenes , e julgava-o sem a minima duvida superior a todos os Oradores ; com tudo dizia delle : „ Nem sempre me enche os ouvidos : tanto elles são ambiciosos , e suspiração por alguma cousa immensa , e infinita. *Tamen non semper implet aures meas : ita sunt avidæ , & capaces , & semper aliquid im-*

immensum, infinitumque desiderant!

Feliz aquelle Orador, que recebeo do Ceo huma tal delicadeza, e extensaõ de gosto; porque esta he huma das melhores disposições para a perfeita Eloquencia. Venturoso tambem aquelle, que póde dizer com a mesma verdade, o que Cicero disse de si mesmo: „ Tem os meus ouvidos „ hum summo deleite na impressaõ, „ que recebem de huma certa harmo- „ nia de palavras perfeita, e comple- „ ta. Elles sentem qualquer cousa „ que falte, e naõ gostãõ de qualquer „ cousa, que sobeje. *Meæ quidem* (aures) *Ë perfectò, completoque verberum ambitu gaudent, Ë curta sentiunt, nec amant redundantia.*

Pessoas ha, que saõ insensiveis em perceber huma tal delicadeza, sendo para elles o estylo harmonico o mais escuro enigma. Mal pela Eloquencia, se se metesse na cabeça a huns homens destes o ser Oradores. Muitos entendem, que o numero, e harmonia, de que fallamos; enfraquece o Discurso, e lhe tira huma grande parte da sua força, e vehemencia. Os que assim
cui-

cuidaõ, naõ tem huma verdadeira idéa do estylo, a que bons Mestres chamaõ harmonioso. Ora ouçaõ a Cicero :

„ Taõ longe está (diz elle) de se en-
 „ fraquecer o Discurso por causa da
 „ ordem das palavras, da qual nasce
 „ a harmonia, que antes sem esta or-
 „ dem naõ póde haver nem força,
 „ nem vehemencia. *Tantum abest, ne
 enervetur Oratio compositione verborum,
 ut aliter in eâ nec impetus ullus, nec vis
 esse possit.*

Digamos a verdade: hum Discurso cheyo de harmonia, e vasio de sentimentos, e conceitos, he huma producçaõ da loucura; mas tambem hum Discurso cheyo de conceitos, e sentimentos, e no mesmo tempo sem ordem, nem harmonia, he obra de hum menino. A natureza deu-nos huma inclinaçaõ taõ grande para o estylo harmonioso, que ainda naõ se achou pessoa, que naõ tivesse desejos de dar harmonia aos seus Discursos, ou que podendo naõ lha désse. Veja-se o como discorre sobre este ponto o allegado Cicero no seu *Orador*; porque nós, temendo parecer enfadonhos com tan-
 to

to enfiar de authoridades , deixamos de as transcrever.

Mas parece-me , que estou ouvindo ao leitor perguntarme , donde vem dar força à Oração o numero , e harmonia? Em primeiro lugar , vem , de que o deleite he inseparavel da harmonia , e o deleite (segundo já dissemos) he hum maravilhoso encanto para persuadir. Daqui se colhe , que a arte de agradar foy em todo o tempo huma parte effencial da arte de persuadir ; e ficaria esta sendo muy fraca , se aquella não lhe désse as armas mais fortes para combater , e triunfar.

Em segundo lugar , a razão porque a harmonia do estylo dá força ao Discurso , he , porque o numero harmonico consiste em huma certa disposição , e ordem de vozes , e palavras , as quaes dão aos conceitos do Orador a justa medida , e a conveniente proporção , que lhes he necessaria para se imprimirem bem no auditorio. E senão , tire-se aos bons conceitos , e sentimentos a ordem , e disposição , com que estão , e verseha , como logo perdem toda a sua força. Os mesmos

mos rayos de Demosthenes (diz Cice-
ro) feririaõ muito menos , se naõ os
despedisse ajudados do numero , e har-
monia , que por toda a parte os acom-
panha. *Cujus non tam vibrarent fulmi-
na , nisi numeris contorta ferrentur.*

M A X I M A XII.

*Numerus non quæsitus , sed ipse secutus
videatur. Cicer. de Orator.*

O Mesmo Mestre , que tanto lou-
va , e recommenda ao Orador o
estyllo harmonico , e numeroso , apon-
ta logo o como se póde destemperar
esta harmonia. Ha huns certos nu-
meros demasiadamente sensiveis , hu-
ma simildadencia muito compassada ,
e huma harmonia nimiamente unifor-
me. Tudo isto he vicioso , e sobeja
para defacordar toda a musica de hu-
ma Oraçaõ ; porque causando nos ou-
vidos do auditorio huma grande vio-
lencia , e affectaçãõ , faz , com que el-
le logo se enfastie , e despreze , quan-
to

to ouve. Esta similtadencia compasfada, e demasiadamente harmonica, e numerosa, em vez de dar força aos rayos da Eloquencia, os reduz a nada, ou ao menos os reduz a fracos relampagos, que não fazem outro effeito, se não dar hum claraõ sem utilidade. Deve pois o Orador (por conselho do allegado Cicero) livrarfe destes como grilhões, quebrando-os com toda a resolução, se devéras deseja possuir a verdadeira Eloquencia. *Primum igitur eum tamquam è vinculis numerorum eximamus.*

Sim; cuide muito, em que este numero, e harmonia de estylo não seja esquadrinhada; antes use della com tanta naturalidade, que pareça ao auditorio, que a harmonia per si mesma vem acompanhando os sentimentos, e conceitos; porque correm parelhas o numero na prosa, e a rima no verso. Assim como o Poeta não ha de buscar a rima, mas a rima ao Poeta, assim o numero ha de buscar ao Orador, e não o Orador ao numero. A harmonia no estylo não se deve conservar sempre no mesmo tom; porque não ha cousa
mais

mais tediosa. Deve-se praticar nella, como na Musica, huma amavel variedade, segundo já deixamos apontado, e ainda recommendaremos em outras Maximas.

Se o Orador no fogo da sua mocidade cahio na tentação do estylo nimiamente harmonioso, imite agora a prudência de Isocrates, o qual diz de si, que à medida, que se hia adiantando em annos, hia deixando de ser escravo dos numeros do estylo; de modo, que não só chegou a emendar aquelles, que o haviaõ vencido, mas até a se emendar a si mesmo. Este exemplo, como grande, nos propoem Cicero no seu *Orador*. Nos costumes ha certos defeitos quasi inseparaveis da mocidade; o mesmo he na Eloquencia. De huns devemos livrarnos para fermos huns perfeitos homens civís, e de outros para chegarmos a ser huns perfeitos Oradores.

Agora me occorre outra razão, pela qual a harmonia de estylo nimiamente numerosa he condemnada pela solida Eloquencia; e vem a ser, que deste modo falta o Orador àquella do-
cura,

çura, que deve derramar em todas as partes do seu Discurso. Parece isto hum paradoxo; faltar doçura, onde he muita a harmonia; pois não he senão clara verdade. As causas intensas produzem effeitos contrarios: a demasiada luz faz cegar, e a demasiada harmonia, em vez de suavidade, e doçura, causa hum intolleravel amaro, e fastio. Esta he aquella doçura, da qual, como damnosa, se deve fugir, segundo o conselho de Santo Agostinho no liv. 4. de Doctrin. Christian. *Semper vitanda est perniciofa dulcedo.*

Houve dous famosos Oradores da Antiguidade, os quaes se distinguirão por huma grande doçura de estylo; mas cada hum era de differente caracter. A doçura de Phalereo (diz Cicero) era terna, languida, e lisonjeira do entendimento do auditorio; delectava, mas não accendia os corações, e quando elle acabava de orar, o que ficava nos ouvintes, era só a memoria de huma Eloquencia polida, e amena. Pelo contrario a doçura de Pericles era forte, viva, e em todos deixava, além do deleite, certos estimulos, que obri-

obrigava os animos a ir por onde elle queria. O primeiro Orador agradou muito a Athenas, mas a Athenas ainda no berço : o segundo foy o objecto da sua admiracão, quando ella já era poderosa em forças de Eloquencia. Não he difficil julgar qual destas duas especies de doçura convenha melhor ao estylo do Orador, que aspira à perfeicão. Bem se vê, que a de Demetrio Phalereo, por isso mesmo, que só se fundava no terno, dava em languida, e por conseguinte em viciosa : a de Pericles, como era forte, e persuasiva, fazia nos ouvintes a impressão que queria, e por consequencia era a doçura que pede a Oraçã eloquente. Por isso o estylo deste, sim harmonioso, mas varonil, nunca foy accusado, como o de Demetrio, daquella affectaçã, e demasia, que condemna Cicero na presente Maxima.

MAXIMA XIII.

Ex industria sumamus sententias quasdam, easque versemus quam numerosissimè, velut eàdem cerâ aliæ, atque aliæ formæ duci solent. Quintil.

l. 10. c. 5.

Esta Maxima he taõ importante, como pouco observada. O Orador deve variar tanto os seus pensamentos, que, se for possivel, devem estes ser tantos no Discurso, como as frases. Naõ se demore sobre o mesmo pensamento; que isso seria sinal de esterilidade. Tanto que perfeitamente o tiver explicado, e dado o seu justo valor, passe logo para outro; pois o mostrar muitas vezes a mesma cousa, ou he prova de a naõ ter por segura, ou he desejo de desgostar, e ter inutilmente occupados os ouvintes. Quantas Orações tenho lido, as quaes naõ constaõ, senaõ de dous, ou tres pensamentos, extendendo-se, e amplificando-se com mil palavras o que
mui-

muito bem se podia dizer em poucas ! Huns taes Oradores querem supprir a falta de pensamentos com a abundancia de vozes ; porque muito mais facil he fallar, do que discorrer. Quando hum Orador naõ tem mais que palavras, por certo que he muito pobre de Eloquencia.

Mas a verdade he , que o variar nobremente de pensamentos he cousa bem difficultosa ; porque saõ rarissimos os que tem huma rica mina de engenho , e juizo. Bem está (diz Quintiliano na presente Maxima) porém ao menos exprima-se hum mesmo pensamento por diversos modos , acrescentando-lhe alguma cousa de novo ; isto he , huma nova luz , huma nova força ; porque se naõ se lhe acrescentar alguma cousa , será huma vã loquacidade, de que zombaráõ os intelligentes. Nisto naõ quero dizer , que o Orador seja pobre de palavras ; antes pelo contrario desejo , que seja rico dellas ; com tanto , que naõ seja esta a unica cousa , em que consista a sua riqueza. O ser rico , e abundante de vozes he necessario para dar nova luz,

luz, e novo pezo às idéas, que se formaraõ.

Moſtrem embora os Oradores pouco abundantes hum meſmo pensamento por todos os ſeus lados; mas de modo, que ſempre pareça novo; aſſim como huma meſma figura parece outra, debuxada ou em frente, ou em meyo perfil, ou em eſcorço, &c., cada diverſidade de poſtura quaſi que faz nella diverſidade de cara. Para ſe variar bem hum meſmo pensamento, naõ ſerá pouco ſocorro ao Orador o variar nelle de expreſões, humas vezes ſimplices, outras figuradas. Deſte modo parecerá figura nova, a que muitas vezes tem já apparecido; bem como no theatro parecem novas as peſſoas em mudando de vestidos. A Metafora eſpecialmente, ſendo bem uſada, he hum excellente ſocorro, para ſe ter por novo aquelle pensamento, que já ſe ouviu; porêm deve cuidar muito o Orador em naõ ter metaforas, ou expreſões, às quaes poſſa chamar as ſuas mimoſas; porque eſte vicio o faria affectado. Recorra à Natureza, que ella na diverſidade

F

dos

dos objectos , que apresenta , o foc-
correrá com huma variedade de ex-
pressões pouco menos que infinita , e
deste modo fará , com que hum mes-
mo pensamento pareça diverso.

MAXIMA XIV.

*Non amputata Oratio , & abscissa , sed
lata , & magnifica , & excelsa tonat ,
fulgurat , omnia denique perturbat , &
miscet Delectare , persuadere
copiam dicendi , spatiumque desiderat.
Plin. l. 9. ep. 26.*

QUando o Orador chega na sua
Oração a ponto de misturar o
fogo do relampago com o es-
trondo do trovão; quero dizer, quan-
do ha de abalar , commover , e arre-
batar ao auditorio , de nenhum modo
deve usar do estylo conciso , mas sim
do abundante , magestoso , e sublime.
Figuremos (diz Plinio) que os nossos
pensamentos patheticos , e vehementes
entraõ no animo dos ouvintes , como
o fer-

o ferro entra em hum corpo solido. Bem se vê , que hum só golpe não bastará para ellè entrarem , e que será preciso multiplicallos , para se conseguir o effeito. Logo o estylo lacónico , como taõ curto , e poupador de palavras , não póde absolutamente servir para a commoção de affectos vehementes. O persuadir , o convencer , e o insinuaríe nos animos , fazendo-se senhor delles , não he cousa , que se faça em poucas palavras , e em breves periodos. Que digo eu o persuadir , e convencer ? Nem ainda o deleitar se consegue com o estylo conciso ; porque este , como affecta hum ar de mysterio , he mais proprio para pôr em tratos o juizo do auditorio , do que para lhe causar deleite.

Porém assim como póde peccar o Orador por conciso no estylo , assim igualmente póde ser vicioso , por mostrar pompa demasiada de palavras. A verdade he , que nisto se ha de observar huma justa medida. Mas neste caso qual será melhor ? Dizer de sobejo , ou mostrar avareza de palavras no exprimir as cousas ? Confesso , que não

posso soffrer hum Orador esteril, languido, e seco, e muito menos se tem isto por caracter: por outra parte tambem não gosto do Orador excessivamente diffuso, abundante, e vivo. Este passa os limites do seu Argumento; aquelle não os chega a tocar. He certo, que huns, e outros Discursos são viciosos; huns adoecem (se he licito explicarme assim) por demasiada gordura, e outros por excessiva magreza.

Mas se ultimamente hey de dar o meu voto, digo, que se a fecundidade de estylo não mostra tanta exactão, ao menos em compensação desta falta mostra muito mais talento; e assim tenho por menos máo, declararme a favor da abundancia das palavras, porque esta quasi sempre traz consigo huma eloquencia rapida, copiosa, e magnifica. Hum Antigo ainda dizia mais, porque lhe chamava celestial, e quasi divina. *Si detur electio, illam Orationem similem nivibus hybernis, idest, crebram, assiduam, & largam, postremò divinam, & caelestem volo.* Sendo na verdade vicioso o estylo demasiadamente

mente diffuso , com tudo em hum Orador eloquente deve-se-lhe perdoar a diffusão ; antes atrevo-me a dizer , que a pezar deste defeito , ha de parecer breve ; porque como elle tem eloquencia verdadeira , deleita-se o auditorio de o ouvir , e hum animo attractivo do deleite não está a contar instantes , nem horas.

A doutrina sobredita he hum pouco extraordinaria ; porque por via de regra deve o Orador ser abundante sem profusão ; pois deve ter sempre diante dos olhos , que no mesmo ponto , em que os ouvintes o tem por nimiamente diffuso , começaõ a enfastiar-se , e o fastio he hum dos mayores obstaculos para a persuasão. O contrario disto só succede com os Oradores excellentes , aos quaes concedeo o Ceo a graça de parecerem breves , não obstante a sua demasiada diffusão.

Mas em fim , se a brevidade no dizer pathetico , e vehemente he reprehensivel , e por outra parte a nimia profusão de palavras he tambem viciosa , que meyo ha de buscar o Orador para fugir desta Scilla , e Carybdes ?

des ? O que ? Tirar dos seus Discursos tudo o que directamente não se encaminhar ao seu fim. Muito tempo se perde em descripções vãs , em amplificações inuteis , e em outras pomposas superabundancias. O grande segredo para não ser viciosamente diffuso , consiste em não dizer mais , do que he necessario. Logo que o Orador entrar na materia , em que quer abalar , e commover seus ouvintes , não faya da estrada , cahindo na tentação de querer ostentar engenho. O tempo que gastar por esses caminhos , que não o levão ao seu fim , he que o ha de fazer cançado. Diga só aquillo , que lhe pedir o Argumento ; que ha de mover , e arrebatat ao auditorio : diga-o com abundancia , e magnificencia de palavras , e cousas , que por certo nenhum intelligente o ha de ter por diffuso , e prolixo.

MAXIMA XV.

Positum sit igitur in primis sine Philosophiâ non posse effici, quem quærimus eloquentem. Cicer. de Orat.

PRetende o Pay da Eloquencia Latina, que se tenha por primeiro principio certo, e indubitavel, que sem o estudo da Filosofia seja impossivel haver Orador, e muito menos dar-se aquelle homem eloquente, que elle buscava, e só descobria na sua idéa. Sem o soccorro da Dialectica (diz elle) como se ha de conhecer o genero, e a especie de qualquer cousa? Como se ha de explicar, e definir? Como distribuilla nas suas partes, e julgar o que he verdadeiro, e falso? Como se haõ de ver as consequencias, prever as contradicções, aclarar as duvidas, e tirar o que parecer equivocacão?

Porém miseravel Dialectica (dizia Quintiliano) a de muitos Oradores; e ainda assim atrevem-se a apparecer em publico! Toda a sua sciencia

cia consiste em disputar sobre tudo ; em se esprayarem em vãs subtilezas , e em requintarem sobre qualquer coufa. Presumem descobrir a verdade , onde a não ha ; deixaõ a realidade das coufas , para correrem atraz de sombras , e de vãs figuras ; usaõ de especiosos sofismas , em lugar de discursos solidos , e populares ; em fim despedaçã por toda a parte o objecto sobre que discorrem , quando o pretendem dividir.

E he esta a Dialectica , que conuem ao homem Orador ? Por certo que não ; mas sim huma Dialectica subtil , viva , e penetrante ; que distinga claramente o verdadeiro do falso , e com exacta precisaõ separe tudo o que pertence a hum Argumento , de tudo o de mais que lhe he estranho. Huma Dialectica , que saiba bem conhecer todas as partes de qualquer Assumpto ; que as distribua , e ponha em ordem , segundo a connexã , e dependencia , que ellas tem entre si ; que tenha a industria de dividir huma materia , sem a reduzir a partes taõ subtís , que fujaõ aos olhos mais perspicazes,

picazes, e attentos. Huma Dialectica, que sempre se encaminhe ao fim proposto, sem usar de huns certos episodios, que causão fastio, e fazem perder de vista o objecto principal. Aquella Dialectica, que sem violentar o ingenho, lhe ministra toda a exacção; que tira às expressões, e pensamentos toda a escuridade, e equivocação; que determina o verdadeiro sentido a qualquer cousa com huma idéa clara, e distincta; que dispoem todas as proposições do discurso em huma ordem tão natural, que humas cousas nasçaõ das outras, como da sua fonte; em fim Dialectica, que já mais admitte prova, que não seja concludente, e invencivel.

Eis aqui em que consiste a verdadeira Dialectica, propria do Orador, a qual (em menos palavras) não he outra cousa, se não a Arte de meditar o homem sempre sobre o verdadeiro, e de se exprimir, e discorrer sempre com exacção. Esta he a Dialectica, sobre a qual fizeraõ tão longo estudo os antigos Oradores Gregos, e Latinos, considerando-a como a fonte do
Dis-

Discurso, e o coração da Eloquencia. Cicero especialmente foy singular na pratica desta Arte, e para se lhe dar este louvor, bastará ler qualquer de suas Orações.

Sendo pois esta sciencia tão essencial ao Orador, he lastima, ver como se desprezou nos seculos da corrupção da Eloquencia, e o como ainda hoje não fazem della caso muitos, que pretendem o nome de Oradores. Por isso são tão raros os verdadeiros Eloquentes, para a formação dos quaes (diz Cicero) devem concorrer duas Artes: a primeira he a de comprehender, e a segunda a de se exprimir. Huns pegaõ-se à intelligencia das cousas, outros à das palavras; e daqui vem, que nem estes, nem aquelles chegaõ a possuir a verdadeira, e perfeita Eloquencia. *Alia intelligendi, alia dicendi disciplina est; & ab aliis rerum, ab aliis verborum doctrina queritur; quo fit, ut veram illam, atque absolutam eloquentiam nemo consequatur.* De Orat.

Quem nesta Arte aspirar à perfeição, deve applicarse tanto a hum, como a outro estudo: sem elle verfehaõ

haõ Oradores facundos , isto he , de prosa agradavel , e discreta , mas nenhum verdadeiramente eloquente. Já na idade de Cicero , naõ obstante ter nella o seu imperio a solida Eloquencia , corria como certa esta doutrina. *Disertos ait se vidisse multos ; eloquentem omninò neminem.* Admira na verdade esta proposiçaõ , dita em hum tempo taõ feliz para a Oratoria ; mas della colhemos , que sempre foraõ muy raros aquelles , que pozeraõ todas as suas forças para serem perfeitos na sua Arte.

Porque Demosthenes naõ seguio a ociosidade de outros , antes por longo tempo foy ouvinte de Plataõ , por isso levou o principado entre os Oradores Gregos. Igualmente Cicero antes de entrar na carreira da Eloquencia , estudou com os mais famosos Filosofos , e confessa , que se chegou a ser Orador , muito mais o deve às Academias Filosoficas , que às Escolas Rhetoricas. *Fateor me Oratorem , si modò sim , aut quicumque sim , non ex Rhetorum officinis , sed ex Academiæ spatiis extitisse.* Destas doutrinas , e exemplos,

emplos, que deixamos expendidos, se segue com evidencia, que não póde haver bom Orador sem a luz da Dialectica. Se se ignorar esta sciencia, produzirsehaõ sempre huns Discursos sem regra, sem ordem, e taõ faltos de principios, como de força. O peyor he, que muitas vezes até lhes ha de faltar a verdade. E que caso se deve fazer de huns taes Discursos?

Toda a Oraçaõ, que não he mais que hum tecido de pensamentos ajustados, exactos, verdadeiros, e fortes, he huma Oraçaõ pouco boa, se lhe faltar o soccorro da Dialectica; porque sem ella não ha aquelle admiravel tecido, em que consiste a verdadeira força do Discurso, e a solidez do corpo da Eloquencia. Assentando nisto, que meyo haverá, para saber o Orador, se he, ou não boa a sua Oraçaõ? O meyo unico he fazer della huma exacta analyse, examinando todas as suas partes, vendo a connexaõ, e dependencia, que ha entre ellas, separando as cousas das palavras, e considerando-as despidas de todo o seu ornato. Se depois de tudo isto não vir
subsis

subsistir ainda a continuação dos pensamentos, e discursos, não espere o juizo do publico; julgue elle mesmo, sentenciando, que he má a sua Oração. A analyse he huma especie de crysol, no qual só fica o bom ouro, e tudo o que lhe he estranho, ou se evapora, ou se reduz a fezes.

Porém assim como o Orador deve ser Dialectico, assim deve igualmente mostrar, que o não he. Ha de se encobrir, quando falla como eloquente, de maneira, que no parecer do auditorio só se ouça o Orador, e não o Filosofo. O Dialectico tem sua linguagem, que não convem ao caracter Oratorio; porque contentando-se com as cousas que diz, pouco cuida no modo, com que as diz. Porém o Orador poem igual cuidado no que diz, e no modo, com que o exprime. Hum falla com secura, outro com abundancia; hum explica-se com simplicidade, outro com imagens, e figuras. O Dialectico só representa a verdade nua, sem ornatos, nem enfeites; o Orador não gosta de a pôr em publico, se não com a decencia dos adornos. E

E donde nascerá tanta diversidade de linguagem ? Da diversidade do fim, que tem hum, e outro. O fim do Dialectico he só instruir, allumiar o entendimento, e demonstrar a verdade. O Orador fim quer igualmente instruir, allumiar, e demonstrar; mas quer tambem persuadir, obrar no coração, e dominar na vontade; e para conseguir este fim ajunta à subtileza, e exacção do Dialectico a força, e fogo dos affectos, a sublimidade dos pensamentos, a belleza das expressões, e a abundancia das palavras. Donde tirará por conclusão o nosso Orador, que a Dialectica lhe he precisamente necessaria; mas que nos seus Discursos a ha de encobrir. Está obrigado a discorrer como Filosofo; porém a fallar como Orador: aliás será a sua Oração huma disputa das Aulas, e não huma obra da Eloquencia. Quantas Orações ha destas, e por isso secas, escuras, melancolicas, e prolixas!

MAXIMA XVI.

*Id enim est summi Oratoris, summum
Oratorem populo videri. Cicer.
de Orat.*

OH como ignora esta Maxima huma grande parte dos Oradores modernos ! Não quero excluir ainda aquelles , que desfrutaõ os primeiros applausos. Sim tem muitas qualidades , que a Arte requer ; mas faltalhes a principal , que he serem *populares*. Dizem as cousas por hum modo puro , elegante , e magestoso ; mas não as dizem por hum modo , que as perceba bem o povo. Voaõ lá por alta esfera , e o pobre auditorio está cá na baixa regiaõ , sem divisar os voos do Orador. Elle sim ouve o som harmonioso da voz , sim vê a formosura do gesto , o fogo da pronunciaçãõ , e às vezes ainda passa a diante , porque se admira , e applaude ; mas de que ? Não o sabe dizer.

Ora este estylo de Oradores he
em

em extremo vicioso ; porque o auditorio não he o que ha de chegar à esfera do Orador ; este he que deve descer para se igualar com os ouvintes , accommodando-se à intelligencia de todos ; e entãõ he que he verdadeiro eloquente. O final mais seguro, e infallivel (diz Cicero no lugar que citámos) de ser grande hum Orador , he julgallo a multidaõ por tal. A perfeição da Eloquencia consiste em hum certo grão de impressãõ , e sentimento , que ella faz no entendimento , e no coraçãõ : ora quando todos os ouvintes se sentem penetrados , e commovidos até este tal grão , he certo que o Orador fez na multidaõ tudo quanto era capaz de fazer a perfeita Eloquencia.

Instruir , agradar , e mover faõ os tres pontos , a que se reduzem todas as obrigações da Oratoria. Saber o como , e porque meynos se deve fazer isto , só pertence aos Mestres da Arte ; porém saber , se o Orador realmente faz isto , o auditorio he quem o ha de decidir , e a sua decisaõ sobre tal materia he hum juizo superior , do qual
se

se não póde appellar. *Efficiatur autem ab Oratore , nec ne , ut ii , qui audiunt , ita efficiantur , vulgi assensu , & populari approbatione indicari solet.* Cic. de Orat. Falla hum Orador na presença de numerofo auditorio ; cada hum está attentamente a ouvillo ; tem-se por verdadeiro quanto elle diz ; sentem-se as almas arrebatadas de hum especial deleite , e no mesmo tempo se sentem commovidas , e persuadidas daquellas verdades , que se lhes intimaõ. Quando hum homem eloquente consegue isto , faiba , que de doutos , e ignorantes ha de ser applaudido ; porque neste caso todos concordaõ em seus juizos. *Quod enim probat multitudo , hoc idem doctis probandum est. Hoc specimen est popularis judicii , in quo nunquam fuit populo cum doctis , intelligentibusque dissentio.* Idem.

Assim como pelo som , que vem das cordas de hum instrumento , se conhece a pericia do mestre , que as toca ; assim pelos affectos , que a Oraçãõ incita nos animos , se conhece o merecimento do Orador ; de modo que para o conhecer , não he preciso mais

G

do

do que ouvillo, e observar a maneira, com que a multidaõ o ouve. Se quando em Roma Craffo, e Antonio contendiaõ sobre a palma na Eloquencia, se perguntasse ao povo Romano, qual dos dous fosse mais eloquente, ou suspenderia a decisaõ, ou huns diriaõ, he Antonio, outros, he Craffo. Mas atrevo-me a affirmar (conclue Cice-ro) que nenhum haveria, que os pozesse inferiores a Philippe, aquelle Orador, aliás taõ polido, taõ agradável, e taõ doce.

Cantay para mim, e para as Musas, (dizia hum grande mestre a hum seu discipulo, a quem ouvio cantar friamente ao povo) e eu te digo, meu Bruto, o mesmo (dizia Tullio) quando fallares em publico, *falla para mim, e para o povo*; para o povo, que sentirá as impressões, que nelle fazes, e para mim, que conhecerey o modo, e o fim porque fazes as taes impressões. Desta doutrina se colhe tambem, que posto que os doutos, e ignorantes todos percebaõ o que he *popular*; com tudo ha grande differença entre hum, e outro juizo. O ouvinte intelligente
naõ

naõ só se sente arrebatado , e commovido , mas conhece no mesmo tempo os occultos meynos , com que o Orador eloquente produzio nelle aquelles fortes , e varios affectos. Porém para o ouvinte ignorante todos esles meynos saõ outros tantos mysterios : fim sente na sua alma as mesmas cousas , que sente o douto ; mas naõ sabe dizer , de que industria se valeo a Arte para nelle produzir taes effeitos. Com tudo huns , e outros naõ deixaõ de formar huma mesma idéa , e o juizo do ignorante he taõ infallivel , como o do intelligente ; porque as idéas , as expressões , os pensamentos , a linguagem do Orador tudo foy *popular*.

Concluamos pois , que nunca o Orador chegará a ter a reputaçã de excellente , em quanto o parecer só aos doutos. Estes naõ saõ os que compoem a multidaõ , e à multidaõ he que elle deve querer parecer grande Orador , para na realidade o ser. O Mestre da Eloquencia Romana estava taõ persuadido disto , que dizia :
„ Muito estimo a approvaçã dos
„ doutos , tratando de outras Artes ;
G ii „ mas

„ mas na Oratoria quero a approva-
 „ ção do povo. *Eloquentiam autem*
meam populo probari velim.

Lembro-me , que Antimaco , fa-
 moso Poeta , lendo hum dia certa
 Poesia sua a hum numerofo auditorio,
 vio que este pouco a pouco o fora
 deixando , e que só ficara Plataõ.
 „ Naõ importa (disse elle) continua-
 „ rey a ler , porque Plataõ só per si
 „ val por hum auditorio inteiro. Ap-
 provo , diz Tullio , a resoluçãõ deste
 Poeta ; porque hum Poema naõ he
 obra accommodada à capacidade de
 todos , antes excede a commua intel-
 ligencia ; e assim contenta-se com ter
 hum pequeno numero de approvado-
 res. Mas hum Discurso feito em pro-
 fa , segundo as regras da Eloquencia,
 deve effencialmente ser popular , isto
 he , proporcionado às idéas do povo.
Poema reconditum paucorum approbatione ;
Oratio popularis ad sensum vulgi moveri
debet. Se o caso succedesse a Demof-
 thenes , estou certo , que vendo-se só
 com Plataõ por ouvinte no meyo de
 Athenas , havia emudecer para logo ,
 e deixar o lugar , porque à multidãõ
 he,

he , que elle dirigia o seu Discurso. Defenganem-se pois muitos dos Ora- dores modernos , e tenhaõ por Maxi- ma irrefragavel , que não se dá verda- deiro Orador sem o caracter de *popu- lar* ; porque tendo por officio , ou por gosto fallar em publico , deve dizer sempre cousas accommodadas a per- suadir , e deleitar o publico ; e este não se póde deleitar , e menos persua- dir , senão entendendo bem , o que se lhe quer intimar.

MAXIMA XVII.

Mibi aliam quandam habere naturam vi- detur sermo vulgaris , quàm viri eloquentis Oratio. Quin- til. l. 12. c. 10.

SUpposta a doutrina , que deixamos estabelecida , he preciso agora pre- venir o nosso Orador com huma no- va reflexão , para que não forme hu- ma falsa idéa da *Eloquencia popular* , persuadindo-se , que esta excellencia
Ora-

Oratoria consiste no fallar baixo , e humilde , como mais proporcionado à percepção do auditorio ignorante. Do popular ao baixo , e humilde vay huma distancia infinita ; porque o fallar do povo , e o do homem eloquente (como diz Quintiliano) são cousas de natureza diversa. O que he verdadeiramente humildade de frase , e de estylo , he cousa , que de nenhum modo póde soffrer a Eloquencia ; antes ama tudo o que he nobre , elevado , e grande , com tanto que respire naturalidade esta elevação , e nobreza.

Daqui veráõ quanto estaõ enganados aquelles , que tomaõ o *popular* ou por huma rusticidade de dizer , semelhante à do vulgo , ou por hum certo fallar familiar , dizendo as cousas como em tom de conversação. Fallaõ aos ouvintes (digamos assim) terra terra , e enchem os seus Discursos de comparações , e semelhanças tiradas de certos objectos , que apresentaõ ao entendimento imagens plebeas , e rusticas. Deste modo assentaõ comfigo , que tem dado naquelle popular ,

pular , que recommendaõ os Mestres da Oratoria. Parecerá isto em nós huma cousa livremente dita ; mas he em quanto se naõ folhearem muitas Orações , que por justos motivos naõ apontamos. O peyor he , que entre estas levaõ as sagradas o mayor numero.

Outros (mas poucos) crem , que fó o simples , e natural em huma obra de Eloquencia he , que a faz ser popular : estes saõ os que acertaõ. Correm parellas a simplicidade do Discurso Oratorio , e a que tem alguns no commercio do mundo. Chamamos homem de costumes simples aquelle , que nada tem de affectado , de artificial , e de hypocrita ; aquelle que naõ conhece o que he animo fingido , e enganador. Se huma Oraçaõ for desta natureza , pode-se seguramente dizer , que he popular , porque tem aquella bella simplicidade , que tanto estima a solida Eloquencia.

Mas como para se conseguir esta maneira , e estylo popular , he preciso , que o Orador retrate a dita simplicidade em muitas partes da sua Oraçaõ ,

ção, serviço lhe faremos, se lhe apontarmos os especiaes lugares. Primeiramente deve brilhar esta virtude na *unidade* do Discurso ; pois bem simples he a cousa, que he huma só. Tudo deve encaminhar o Orador a hum mesmo fim ; de maneira, que não possa distrahirse o entendimento, e attenção do auditorio com os multiplicados desenhos ; e nesta uniaõ de partes em hum só ponto, he que consiste grande parte do primor, que tem a Arte de bem fallar.

Igualmente he recommendavel a simplicidade nas *Descripções*, *Narrações*, e outras partes Oratorias, em que os ornatos tem mais dominio. Não se devem estas ornar com excessivos adornos. Huma formosura deixa para logo de o ser, quando se enfeita em demasia. Taõ grande he este vicio, que se fosse necessario o orar ou com muitos ornatos, ou quasi sem elles, neste aperto digo, que menos máo seria orar com falta de adornos, do que com excesso delles ; e a razãõ he de Cicero : *Quòd cum in plerisque, tum in hoc genere, nimium quod est, offendit*

fendit vehementius , quàm id quod videtur parum. Menos offende na Eloquencia o pouco , do que o muito , e o excessivo.

Os ornatos em hum Discurso eloquente são como os diamantes em hum vestido : este sim fica mais rico ; mas a pessoa nem por isso fica mais formosa. Assente-se pois , em que o uso dos adornos da Eloquencia deve ser parco , e modesto ; porque usando-se delles com prodigalidade , e sem medida , em vez de dar realce à belleza , escurecem-lhes aquellas luzes , que lhes dá a gala natural , e simples. Além disto , deve igualmente saber o Orador , que ainda esse pouco , com que lhe he permittido ornar as suas Orações , não ha de ser tão vivo , e scintillante , que offenda os olhos do entendimento de quem o ouve. Ha de imitar os excellentes pintores , que nunca em seus paineis usam de cores tão vivas , que dem na vista , e fação huma desagradavel impressão : são simplices no colorido , e se tem alguma viveza , nunca excede a que he natural.

A

A *Confirmação*, e *Confutação* he igualmente hum lugar Oratorio, em que a simplicidade deve reluzir. Quer-se, que nellas sejaõ as *Provas* simples, fugindo-se de todas as que forem esquadrihadas, e estranhas ao Argumento. Quer-se, que sejaõ taõ naturaes, que pareça, que per si mesmas nasceraõ nas mãos do Orador, e expostas com tanta pureza, desembaraço, e distincção, que naõ confundaõ aos ouvintes. Vaõ por caminho direito, sem giros de palavras, e torcicollos de accommodações violentas ao fim pretendido. Quantos Oradores ha, que fazem hum amontoado confuso, e indigesto de tudo o que (digamos assim) encontraõ pelo caminho, tendo-o por boa prova, com tanto que sirva para fazer crescer a Oração. Oh fuja o nosso Orador de taõ enorme vicio, taõ contrario à simplicidade da Eloquencia, como à das aguas o he a mistura de corpos estranhos.

Por ultimo devia fallar da simplicidade no *Estylo*; porém nada direy neste lugar, reservando-me para outro

tro mais opportuno. Por ora contentamonos com dizer, que não he o dia tão opposto à noite, como à affectação he opposta a simplicidade do estylo Oratorio. As cousas demasiadamente ajustadas, e medidas não as podem soffrer na Eloquencia aquelles raros juizos, que possuem o segredo do bom gosto. Eis aqui humas das fontes, donde o Orador póde extrahir o caracter de *Popular*, tão indispensavel nas suas Orações, como recommendado pelos primeiros Mestres. Eis aqui igualmente mostrado, que o popular não consiste em hum dizer rustico, e plebeo, ou em hum exprimir as cousas por modo familiar, mas sim no fallar, e discorrer por huma maneira natural, e simples.

MAXIMA XVIII.

Quemadmodum erga perigrinos affecti sunt homines, ita etiam se habent erga locutionem. Quare opus est reddere orationem perigrinam: res enim externas homines admirantur; jucundum autem est, quidquid est admirabile. Aristotel. de Rhetor. l. 3.

BEm claramente diz o Filosofo, que he preciso ao Orador ter huma locução taõ peregrina, que cause maravilha aos ouvintes, e por consequencia deleite. Com esta Maxima bem se vê, que naõ lhe recommenda outra cousa, senaõ o fallar magnifico, e sublime, dom verdadeiramente do Ceo, e que apenas de seculo em seculo apparece em algum Orador. Por isso o mesmo Aristoteles aconselhava, que quem senaõ visse com forças da Natureza para voos da alma, deixasse de emprender o sublime; pois nelle naõ ha mediania, que possa satisfazer aos intelligentes. A verdade he, que

que a mediania no estylo sublime para logo descahe em baixeza ; e quem teimar em hir por este caminho , infallivelmente proporá ao auditorio fantasmas em lugar de imagens grandiosas , reduzindo tudo a huma infofrivel affectação de palavras empolladas dignas de todo o desprezo.

Com tudo , posto que o fallar sublime seja hum dom da Natureza , como diz o Filosofo , isto não faz , com que a Arte não tenha parte nelle. Tambem esta contribue muito a polir a Natureza , dando ella a materia , e aquella a fórma. Já presuppomos para provar esta doutrina , que no Orador ha de haver algumas sementes , das quaes com a cultura da Arte possaõ sahir os frutos sublimes , porque a ser de outro modo , não poderáõ subsistir as nossas razões. Isto supposto , que cousa he o *sublime* , considerado em si mesmo , e no seu principio ? Saõ conceitos magestosos , e pensamentos elevados , que naturalmente produz huma alma nascida para o grande , e maravilhoso. Porém isto só não basta : he preciso de mais
re-

representar effes conceitos , e penfamentos , exprimindo-os o Orador de modo , que chegue a introduzir na alma dos ouvintes toda a fua mageftade , e elevaçãõ. Ora isto fõ a Arte o póde fazer ; concorrendo com os termos , com as exprefões , com a ordem , com as figuras , e com as imagens. Tanto he isto affim , que fe faltaõ effes foccorros , o que he fublime , quando a alma o concebe , deixa de o fer , quando a boca o exprime.

Affentado pois , em que a Arte he quem dirige rectamente os voos da Natureza na esfera do fublime , e que o Orador (como requer o Filofofo na prefente Maxima) deve faber tomar effes voos , para levar as admirações dos ouvintes ; entendo que naõ lhe farey leve ferviço , fe lhe apontar algumas fontes , donde póde extrahir o recommendado fublime , vifto ter elle diverfas origens , como bem deixou tratado Longino , infigne Mefre nos preceitos fobre effe eftylo. A elle nos encoftaremos para hirmos seguros , fem que nos obriguemos a traduzillo ; antes com as fuas doutrinas mifturaremos

remos a de outros , que tambem tratarão profundamente este ponto.

Primeiramente; muitas vezes está o sublime de hum pensamento na simplicidade , com que se exprime ; de maneira , que deixaria de ser tal , se se expozesse com termos magnificos , e pomposos. Por exemplo : *Disse Deus , faça-se a luz , e a luz foy feita.* Aqui ha hum especial sublime , que consiste na simplicidade ; porque se se mudar de expressão , e se disser v. g. *O soberano Senhor da Natureza com huma só palavra formou a luz :* o pensamento sim he o mesmo ; mas onde está aqui o sublime ? No modo com que o disse Moysés sim ; porque em dizer , *faça-se a luz , e a luz foy feita* , representou simples , mas sublimemente a prompta , e perfeita obediencia da creatura à voz do Creador. He idéa commua no entendimento de todos os homens , que para ser perfeita a obediencia , não deve haver demora do preceito à execucao : mandar , e ser obedecido , deve ser huma mesma cousa. Ora para eu me conformar a esta idéa commua , e para perfeitamente a

re-

representar, hey de me exprimir sobre este ponto de maneira, que cada hum perceba para logo, que naõ ha hum instante de dilação entre o preceito do Creador, e a obediencia da creatura. Pois isto mesmo he o que fez Moysés por hum modo claro, e simples, mas cheyo de sublime energia, dizendo: *Fiat lux, & facta est lux.*

Ha outra fonte do sublime, que consiste em huma abundancia de palavras, a qual sempre vay a crescer, a descobrir, e a fazer sentir toda a grandeza do objecto. Tambem ha sublime, que vem de outra origem, isto he, do impeto, e vehemencia, com que se exprimem as cousas grandes, e com que fazem arrebatat para onde querem, o animo do auditorio. Sirvaõ de prova desta diversidade Demosthenes, e Cicero. Hum he grande em ser conciso, outro em ser difuso. Demosthenes (diz Longino) he semelhante a huma tempestade, na qual os rayos devastaõ tudo: Cicero he à maneira de hum grande incendio, que tudo quanto encontra, devora,

vora, e confome. O feu fogo já mais se apaga, antes lavrando por toda a parte, vay sempre tomando novas forças, à medida do caminho, que vay vencendo. O *sublime* do Orador Grego he muy proprio para as exaggerações fortes, e affectos violentos, quando he necessario abater, e atemorisar o animo dos ouvintes. O *sublime* do Orador Romano deve preferirse, quando for preciso insinuar alguma cousa no coração do auditorio, ou penetrar a sua alma de hum suave orvalho.

As Figuras da Rhetorica são igualmente huma copiosa mina, donde o Orador póde ou extrahir o ouro do sublime, ou darlhe com elle hum maravilhoso realce, se com destreza se servir dellas, e lhe imprimir todo aquelle caracter necessario para ellas conservarem a sua grandeza. São como hum vestido de boa eleição, que dá mayor realce à formosura, de quem o veste. Estou para affirmar, que só são bellas as Figuras da Eloguencia, quando o sublime he quem as reveste; porque este esconde todo o

H

artiz

artificio dellas. Nunca huma Figura (diz Longino) vem a fazer na Oraçãõ o seu devido effeito, se faz pompa do seu artificio, porque desconfia o auditorio, entendendo, que o Orador o quer enganar, e sorprender. Ora para encobrir este defeito trivial das Figuras, não ha cousa mais accommodada, que o sublime. E a razão he; porque encobertas (digamos assim) com as grandes luzes, que nellas, e no animo dos ouvintes derrama o sublime, desapparece todo o seu artificio; bem como à vista do Sol o resplendor das Estrellas.

Em hum Discurso eloquente certas circumstancias bem escolhidas, e nobremente expressadas contribuem tambem muito para o sublime. Por duas razões; huma porque affaltaõ, e ferem com viveza o animo do auditorio; e outra porque daõ mais alma ao objecto, que se há de pintar, e o revestem de toda a grandeza precisa para fazer impressãõ. Mas he necessario, que o Orador tenha hum grande cuidado de não entrar em certas particularidades ou baixas, ou superfluas;

por-

porque se vem a perder a bondade de tudo o mais, occupando o tempo em miudezas indignas.

Inutil he dizer, que huma imaginativa ardente, e elevada he tambem huma grande fonte do sublimé; porque isto entendo, que nem o ignora o Orador principiante. E quem não sabe, que sempre sahe à luz com producções maravilhosas huma imaginativa, que com o freyo da Arte sahe à força de hum vehemente enthusiasmo, e de huns movimentos extraordinarios do espirito, pintar as cousas de tal modo, que pareça, que o Orador as esteja vendo com os proprios olhos, e que as faça tambem ver aos que o ouvem? Estas pinturas vivas, e naturaes formão hum sublime, que anima, e inflamma a Oração, e se com arte se mistura nas Provas, não só persuade, mas doma, e cativa aos ouvintes. Deixemos tambem em silencio mostrar, que aquella ordem, e composiçãõ das palavras, que dá harmonia a hum Discurso eloquente, serve de hum grande soccorro ao sublime; porque já em outro lugar a-

pontámos, que Cicero dizia resolutamente, que os rayos de Demosthenes feririaõ muito menos, senaõ lhes des-se força a harmonia do seu dizer.

Por conclusaõ, o pathetico he a-
quelle campo, em que o sublime tri-
unfa, e apparece com toda a sua pom-
pa; porque diz Santo Agostinho, se-
guindo a todos os Meitres da Elo-
quencia, que o que distingue o ge-
nero sublime do mediocre, he espe-
cialmente a vehemencia dos affectos:
*Grande dicendi genus hoc maximè distat à
temperato, quòd non tam verborum orna-
tibus comptum est, quàm violentum animi
affectibus*, l. 4. de Doct. Christ. E na
verdade naõ ha cousa que dê tanta al-
ma à Oraçaõ, como he hum affecto
bem movido. Pode-se dizer, que he
huma especie de enthusiasmo, que
anima o Discurso, e lhe dá hum vi-
gor de algum modo sobrenatural, e
divino. Cada Oraçaõ de Demosthe-
nes, e Cicero, e cada Homilia de S.
João Chrysofomo, saõ huma prova
evidente desta verdade.

MAXIMA XIX.

Debet Orator erigi, interdum etiam effervescere, efferrri, ac sæpe accedere ad præceps. Plin. l. 9. ep. 26.

DO que deixamos dito, especialmente nos dous ultimos §§., entramos a temer, que o Orador perca o animo, propondo-se-lhe a grande difficuldade de chegar àquelle sublime, que provém de huma imaginativa ardente, e elevada, ou de hum pathetico exprimido com viveza. Oh que isto seria huma acção indigna, e affrontosa para a Eloquencia! O Orador huma vez, que se conheceo com dons naturaes para o sublime, e no mesmo tempo sabe o que a Arte prescreve para estes dotes terem força, e viveza, de nenhum modo deve desanimarse de emprender huma empreza, da qual depende todo o credito do seu nobre officio. Antes pelo contrario deve costumar a sua alma aos raptos de hum regulado enthusiasmo,
e de

é de hum eloquente furor, que o faça discorrer em coufas grandes, e nellas exprimirse com grandeza.

Que mal lhe póde succeder disto? Cahir em alguns erros de estylo? Faça por evitallos, que a Arte para tudo o soccorre com regras. Mas em fim se cahir nellas, não se acovarde, que he mil vezes melhor cometer algum erro em estylo, e voar ao *sublime*, do que não peccar na pureza, e elegancia do dizer, e hir pelo *Mediocre*. Parece-lhe isto absurdo? Pois consulte ao grande Mestre desta Arte, cuja authoridade he entre os eloquentes de summo pezo.

O sublime (diz Longino) he como huma immensa riqueza : quem a possue, não póde ter nella hum cuidado tão exacto, que não se lhe desencaminhem algumas sommas : a sua mesma abundancia precisamente faz, com que se esqueça dellas. Só hum engenho mediano he que com facilidade não errará. Não se arrisca a levantar voo, e assim não he facil o cahir. Pelo contrario, a hum engenho grande a sua mesma elevação, e grandeza

o poem

o poem em perigo de precipicio. Já Quintiliano dizia, que antes elle querer a dormirar como Homero, do que estar sempre àlerta como os Poetas meçianos.

Repare o Orador na Maxima de Plinio, que dá motivo a esta reflexão, e veri, que no dizer deve ser elevado até chegar ao precipicio. O caminhar por lugares eminentes, não ha duvida, que tem grandes riscos: expõem-se a cahir de despenhadeiros, como forçando-o à queda o estreito, escabroso, e desamparado caminho. Pelo contrario, seguro he hir por estradas planas, e trilhadas; mas he andar por valles baixos, e escuros. Os que se vão arrastrando, não se arriscaõ a cahir, como os que correm; mas aquelles em não cahir, nenhum louvor merecem; estes he que conseguem alguma gloria, ainda que cayaõ. São pensamentos do mesmo Plinio: *Plerumque altis, & excelsis adjacent abrupta. Tutius per plana, sed humilius, & depressius iter. Frequentior currentibus, quàm reptantibus lapsus Sed his non labentibus nulla laus; illis nonnulla*

nulla laus, etiamſi labantur, l. 9. ep. 25.

No caminho da Eloquencia os precipicios ſaõ os que augmentaõ a gloria do Orador. *Eloquentiam nihil magis, quàm ancipitia, commendat*, diz o meſmo Author. E na verdade com que attençaõ, e ao meſmo tempo com que paſmo naõ olhamos para aquelles, que (digamos aſſim) ſe ſuspendem no ar, e que parecendo, que cahem a cada instante, todavia ſe ſustentaõ, e fazem por naõ cahir? O que ordinariamente ſe admira mais, he o que naõ ſe eſpera, e o que em certo modo aſtuſta com as grandes difficulda- des, que o acompanhaõ.

Naõ ſe admira a ſciencia de hum piloto, quando o mar eſtá em calma; entra no porto, e ninguem o louva: mas na tórmenta, quando tudo he confuſaõ, e deſordem na náõ, todos lhe applaudem a ſciencia, e o comparaõ com os Deoſes do mar. Naõ ha peſſoa a quem naõ faça eſpecie huma couſa extraordinaria, ſendo até hum certo ponto, e medida; iſto he, em- prendendo-a ſujeito, que ſabe bem discernir, ſe a tal couſa ſe funda em
ver-

verdadeira magnificencia, ou em grandeza desmedida; se a altura he regulada, ou monstruosa; em fim se tem por sublime, o que só he affectadamente empollado. Tudo isto são doutrinas do Author acima citado, onde diz: *Tunc ille (nauta) clarus, & maxime Diis maris proximus Acri intentione dimicandum est, immodicum sit, an grande, altum, an enorme, ibid.*

Do que fica dito conclua o Orador, que se na Eloquencia não tiver ousadia, arrojando-se a cousas arduas, e ainda perigosas, nunca o seu estylo merecerá dignamente o epitheto de sublime. Por melhor que seja em outro qualquer genero, v. g. em descrever costumes, em fallar com propriedade, e em se exprimir com delicadeza, e elegancia; todo esse merecimento consiste em se distinguir no genero *Mediano*, e este, por mais perfeito que seja, nunca chegou a fazer hum grande Orador. E a razão he clara; porque, por mais perfeição, que se dê ao caracter do *Mediano*, nunca se poderá fazer, com que chegue àquelle grande, àquelle maravilhoso, e di-

e divino , que he o que move , penetra , e arrebatada aos ouvintes.

MAXIMA XX.

Affectationis maximè cavenda suspicio est.
 Quintil. l. 9. c. 4.

Tempo he já de evitarmos ao Orador hum perigo , em que facilmente poderá cahir , supposta a doutrina da Maxima antecedente. Vendo elle , que nella se lhe aconselha o voar taõ alto , que até às vezes chegue a perigar , voará talvez tanto em demanda do sublime , que verdadeiramente caya no affectado , como dizia Horacio : *Professus grandia turget.* Ora este vicio taõ abominado da solida Eloquencia , que até a suspeita delle (segundo Quintiliano) se deve evitar na Oraçaõ , darnosha materia para a presente reflexaõ.

Se me perguntarem , qual seja no Orador o vicio mais danoso , resolutamente responderey , que a ambiçaõ.

Quer

Quer sempre ostentar o sublime , e que faz? Não deixa parte alguma da sua Oração , em que não meta (digamos assim) à cunha pedaços de couças grandes , e prodigiosas , sem reflectir, se o pede a razão. Leaõ-se os Pane-gyristas , que declamaraõ na idade corrupta da Eloquencia , e a tropel se acharaõ deites exemplos. Mas para que he recorrer a esse seculo ? Em tempos mais felices para a Oratoria se descobririaõ bastantes provas do affectado *sublime*. O methodo , que seguimos , não he de apontar exemplos; com tudo lemos hoje hum em Floro , que por breve não duvidamos darlhe aqui lugar.

Falla da extensaõ das Conquistas dos seus Romanos , e devendo contentarse com dizer , como fizera Sexto Rufo , que o *Imperio de Roma se extendera até ao Oceano , por conquistar Decimo Bruto toda a Hespanha : Hispanias per Decimum Brutum obtinuimus , & usque ad Gades , & Oceanum pervenimus ;* tentado com o sublime , quiz tomar voo alto , e disse : *Decimus Brutus aliquantò latius Gallæcos , atque omnes Gallaciæ*

laciæ populos, formidatumque militibus flumen oblivionis, peragratoque victor Oceani littore, non prius signa convertit quàm cadentem in maria solem, obrutumque aquis ignem non sine quodam sacrilegii metu, & horrore deprehendit. Creyo, que até o leitor do gosto mais corrupto ha de achar esta narraçãõ summamente affectada, pelas circumstancias prodigiosas com que Floro a teceo. Imaginou, que os Romanos chegando com suas Conquistas às Hespanhas, tremeraõ ao ver o Oceano, julgando-se sacrilegos em presenciãr o Occaso do Sol, quando elle naquellas aguas sepulta o seu fogo.

Eis aqui o que na Eloquencia se chama *inchaçãõ*, e não *sublime*, à maneira da hydropesia comparada com a solida grossura de hum corpo saõ, e robusto. O caracter sublime he cousa summamente difficil; e bem se vê a sua difficuldade, quando qualquer pretende subir de estylo, e continuar por longo tempo no mesmo voo. A elevaçãõ, que provem da grandeza das expressões, não he taõ difficultosa; todo o ponto está, em que a materia, que

que serve a estas expressões , tenhaõ em si grandeza. Se a não tiver , e lha quizer dar o Orador , temo-lo para logo cahido em huma affectação , que o faz ridiculo , e digno de desprezo. O anaõ por estar no mais alto de hum monte , nem por isso avulta mais no corpo , antes a altura , em que se poz , lhe mostra mais a mesquinhez , e ridicularia da sua estatura.

Por beneficio de huma frase empollada , e apparentemente brilhante , bem poderá elevarse huma cousa de si humilde ; mas depressa virá a cahir no seu nada , tirando da sua elevação o mostrar-se àquelles , que não perceberiaõ a sua baixeza , se ella se contentasse com a sua vil condição. Aquelle , que poem todo o seu cuidado em dar a todas as cousas hum ar de grandeza , revestindo-as de palavras magnificas , e pomposas , faz com que quem o lê , ou ouve , entre na suspeita , de que elle com aquelles desperdicios quiz encobrir a baixeza de seus pensamentos. Nesta duvida poem-se a fazer nelles huma exacta inspecção , e acha hum corpo fordido , e mirrado ,
mas

mas cuberto de precioso vestido.

Por experiencia se vê (diz Quintiliano) que os pequenos de estatura affectaõ parecer grandes, e que os fracos saõ os mais presumidos de valentes. Pois o mesmo succede com os engenhos debeis, e rasteiros; quanto mais o saõ, tanto mais affectaõ parecer elevados, e fecundos. *Quo quisque ingenio minus valet, hoc se magis attollere, & dilatare conatur, & staturâ breves in digitos eriguntur, & plura infirmi minantur.*

Longino fallando da inchada affectação do sublime, deixou-nos vivifimas comparações. Entre todas tenho por mais expressiva aquella, em que compara o Orador affectadamente elevado em cousas pequenas a hum Musico, que abrisse huma grande boca para tocar huma pequena frauta; e conclue, que nenhuma cousa he tão difficil na Eloquencia, como o evitar a affectação; porque os homens em todas as cousas naturalmente buscaõ o grande, e desprezaõ aquellas idéas que saõ triviaes; receando em suas obras ser accusados de fracos, rasteiros, e secos. Con-

Concluamos pois, que o Orador, se aspira (como deve) à verdadeira Eloquencia na pratica do estylo sublime, deve fugir de toda a affectação; porque sendo affectado, dirá huma puerilidade, persuadindo-se, que diz huma grande cousa; ha de esfriar os ouvintes, quando entende que mais os inflamma. E que mayor frialdade (diz o Mestre do sublime) que chamar Gorgias a Xerxes o *Jupiter dos Persas*, e dizerse de hum abutre, que he hum *Sepulchro animado*? Que cousa mais fria, do que a expressão daquelle Orador, que querendo louvar a Alexandre, disse, que elle conquistara a Asia em menos tempo, do que gastara Iſocrates a compor o seu Panegyrico?

As grandes expressões (segundo já dissemos) as palavras magnificas, e huma cadencia sonora, he certo, que convem tanto ao sublime, como as reflexões sérias, exprimidas com hum modo engenhoso, vivo, e succinto, que excite a attenção dos ouvintes; mas para isto he preciso, que a Matéria seja digna desta grandeza; porque de outra maneira vem-se logo a cahir

cm

em huma inchada affectaçõ , vicio taõ feyo na Eloquencia, que só a mera suspeita delle he reprehensível no Orador. E quando o Argumento pede magestade , e pompa de vozes , e pensamentos , tambem he necessario saber darlhe só aquella grandeza , que a elle convem ; porque de outro modo vem-se igualmente a cahir no mesmo vicio, ornando huma matrona grave com os enfeites de huma donzella leviana.

MAXIMA XXI.

Habet omnis Eloquentia aliquid commune.

Id imitemur , quod commune est.

Quintil. l. 10. c. 2.

EM diversos lugares deste Tratado deixamos estabelecido o estylo , que convem ao Orador , mostrando o como o deve accommodar às materias de que trata , e às occasiões em que falla. Porém agora será preciso mostrarlhe , que não obstante a diversidade,

de, que ha de haver no estylo Oratorio, ha sempre humas *qualidades*, que são inherentes, e commuas a qualquer estylo, as quaes em todos os modos se devem observar. Ou seja o Orador suave, ou forte, florido, ou austero no seu dizer, sempre em qualquer destes caracteres tem huns preceitos postos pela boa Eloquencia, os quaes deve inviolavelmente guardar, como transcendentés a todos os generos do estylo Oratorio.

A primeira destas qualidades he a *doçura* na expressãõ das cousas. Chama-se suave hum estylo, quando nelle ha aquella clareza precisa para que logo se perceba o que exprimimos; bem como chamamos doce a huma subida, quando a vencemos sem cansaço. Para o Orador conseguir esta doçura, deve pôr especial cuidado em não dizer as cousas de hum modo, que ponha em tratos o juizo dos ouvintes. Se estes para logo não perceberem o que elle diz, e com toda a força, e gala, com que o quer exprimir, já o Orador he reo no tribunal severo da Eloquencia.

Contraheindo mais esta doutrina , chamamos suave a hum estylo , onde os pensamentos, por sublimes, subtís, e engenhosos que sejaõ, são claros, e exprímidos com pureza da linguagem mais commua entre os polidos ; onde he harmoniosa a cadencia , e numero dos periodos , e estes de huma extensaõ, que nem cancem a proferir, nem a perceber : em fim onde as Figuras não são atrevidas, e nimiamente pomposas , antes com destreza escondem a Arte. A pronunciaçãõ do Orador clara, pausada, e expedita, contribue tambem muito para esta doçura : em huma reflexaõ separada trataremos com mais extensaõ deste ponto ; porque temos experiencia , de que muitos Oradores não são suaves no seu dizer , pelo mal , com que o pronunciaõ.

A segunda qualidade commua a todo o estylo he a *força*. Qualquer cousa , que o Orador profira , para a querer persuadir , se a disser com vozes, e expressões languidas , não conseguirá o seu fim , porque não terá ao auditorio (como deve) applicado , e
sum-

summamente attento. Necessita pois de se valer de expressões breves, mas que signifiquem muito, e despertem diversas idéas. Assim como as Fallas de Herodoto, e Tito Livio communmente servem de exemplo para o estylo doce, assim as de Thucydides, e Tacito são o modello para o forte.

A nossa lingua tambem não he pobre destes exemplos; mas comparada com a Grega, e Latina he grande a sua pobreza; porque qualquer destas duas linguas tem tanta abundancia de vozes cheyas de tal significação, que muitas vezes huma só palavra inclue em si o que na nossa lingua leva hum periodo inteiro. Daqui vem, sermos impossivel igualar nas Traducções a mesma precisaõ, e Atticismo dos Gregos, e Latinos. Para que não nos tenhaõ por encarecidos, lembra-nos (entre muitos) hum exemplo. Diz S. Paulo: *Ego enim jam delibor, &c.* Quizémos traduzir isto em Portuguez com o mesmo enfase, e forca, e não podémos, senão dizendo: *Eu estou como a victima, que para*

ser sacrificada , já recebeo a aspersão.
Tanto val a palavra *Delibor*.

A terceira qualidade inherente a todo o estylo , he a *Elegancia* , isto he , aquella belleza , que o faz agradavel aos ouvidos alheyos. Esta qualidade serve muito para adoçar alguma aspereza , ou austeridade , que naturalmente trariaõ consigo as expressões fortes , e penetrantes. O auditorio , se por algum tempo o tem applicado em cousas , que com vehemencia lhe arrebatãõ a alma , opprime-se , e até chegará a enfastiar-se. Para impedir isto , he necessaria a elegancia , e formosura no dizer , que agrada , e deleite. Os Tropos , e Figuras , como são as flores do estylo , daõ ao Orador hum grande soccorro , para poder deleitar , e divertir o entendimento dos ouvintes. Os Tropos são os que fazem , com que sensivelmente se concebãõ os conceitos mais abstractos , fazendo delles huma viva , bella , e agradavel pintura. As Figuras despertãõ a attençaõ , animaõ ao auditorio , e com hum doce encanto lhe lisonjeãõ as potencias. Em Q. Curcio achará
hum

hum bom modello deste estylo, quem ler as suas Fallas.

A quarta qualidade he austerá ; porque he hum Juizo severo , que lança fóra do estylo tudo , o que não he absolutamente necessario. Este Discernimento , e esta Critica he o primeiro mobil na Arte de bem fallar ; de maneira , que se o Orador o não tiver , não espere merecer dos intelligentes o nome de eloquente. Elle he o primeiro , que quer a doçura no estylo ; mas não quer , que seja effeminada , e languida : quer força , e viveza no dizer ; mas não a quer com frequencia ; porque seria como a força dos espiritos de cheiro muy activo , que fazem perder a cabeça ; o que bem se experimenta na quinta essencia de Tacito. Em fim o Juizo he o primeiro , que para a Oraçãõ convida os Tropos , e Figuras , querendo que ellas a enfeitem com as suas flores ; mas tambem dellas não quer abundancia ; porque isso seria como imitar no Discurso aquelle Imperador Romano , que depois de convidar alguns amigos à sua mesa , os affogou com huma
chu-

chuva de rosas , que do tecto cahião sem termo.

A ultima qualidade indispensavel a qualquer estylo he ser accommodado ao Argumento. A esta *coherencia* fervem todas as outras qualidades , que deixamos apontadas. A antiga Architectura nos dará hum exemplo. Vitruvio , aquelle excellente , e judicioso Architecto do tempo de Augusto , quando fazia a planta de algum Templo , sempre accommodava a *Ordem* da sua sciencia ao caracter da Divindade , a quem se havia dedicar o edificio. Para os Templos de Minerva , Marte , e Hercules se servia da *Ordem Dorica* , como a mais solida , e simples entre todas ; julgando , que os ornatos , e pompa das outras não convinhaõ à Deosa da sabedoria , ao Deus das batalhas , e ao Exterminador dos monstros. Os Templos de Venus , Flora , Proserpina , ou de qualquer Ninfa desenhava-os sobre a *Ordem Corinthia* , como mais agradavel , delicada , e cheya de ornatos. Nella a Architectura parece que faz pompa da sua belleza , e por isso as ramagens ,
e fei-

e festões, que ella admitte nesta Ordem, bem convinhaõ a humas taes Divindades. A Jonica como Ordem, que participa do solido da Dorica, e da elegancia da Corinthia, só lhe servia para os Templos de Juno, Diana, e outros Deoses, cujo caracter conviesse a esta Ordem.

Este juizo, e economia de Vitruvio quizeramos, que imitasse igualmente o Orador no uso do seu estylo, accommodando-o às materias, de que trata. Se o seu Argumento pede só simplicidade, e solidez de Discurso, use embora de hum, ou outro ornato, de huma, ou outra expressãõ viva; mas todo o seu empenho seja ser solido, e simples. Se a materia pede delicadeza, e adorno, entãõ funde-se em hum fallar engenhoso, e ornado, permittindose-lhe como accessorio o uso dos pensamentos simples, e fortes. Ultimamente se o Assumpto he de caracter, que admitte variedade de estylo, use della, humas vezes praticando o fallar simples, outras o forte, e outras o ornado. Inutil será dizer (porque mil vezes o temos recommendado)

mendado) que tudo isto ha de governar o Juizo , para que sempre se encubra a Arte , e naõ se misture sem discernimento o estylo suave com o austero , o simples com o ornado , e o forte com o delicado ; porque a haver esta confusaõ , fallará o Orador como hum homem aborrecido da verdadeira Eloquencia.

MAXIMA XXII.

Illud Genus ostentationi compositum solum petit audientium voluptatem ; ideoque omnes dicendi artes aperit , ut qui ad solum finem laudis , & gloriæ tendat. Quare quidquid erit verbis nitidum , figuris jucundum , velut institor quidem eloquentiæ , intuendum , ac pertractandum est. Quintil. l. 8. c. 3.

JA' que o seculo he taõ liberal de Panegyricos, especialmente à morte de homens, cujos merecimentos estaõ chamando por elogios, justo será, que façamos ao nosso Orador algumas
refle-

reflexões sobre esta materia ; para que , quando se lhe offerecer hum tal Argumento , saiba o como nelle se ha de haver o seu engenho , o seu juizo , e a sua eloquencia. A obrigação de hum Panegyrista anda commummente muito mal entendida : huns entendem , que em descrevendo por modo analytico as virtudes , e acções gloriosas do seu Heróe , tem satisfeito a tudo o que delle pretende a Arte : outros imaginaõ , que neste genero de composiçaõ não deve haver especial Eloquencia. Por isso não ha Academia , onde se não ouçaõ com frequencia Panegyricos à morte de homens illustres ; e taõ estabelecido está este coõtume , que até no santuario são louvados pelos Ministros do Evangelho aquelles , que deixaraõ no mundo gloriosa memoria.

Supposto este conceito , que commummente se faz da Oraçaõ funebre , receamos dizer , que (quanto a nós) he a obra mais difficil na Eloquencia : mas porque o não diremos resolutos , se foy sentimento do judicioso Quintiliano , homem de summa experien-
cia

cia na Arte de bem fallar ? Hum Panegyrico funebre (fallemos destes , porque são os mais communs) he obra , que tem hum caracter singular ; se não he excellentemente bom , he máo. Não admitte meyo : o medianamente bom , que em outros Argumentos he soffrivel , e ainda louvavel , nesta materia não se póde soffrer ; porque o publico ha de satisfazerse do Orador , até ficar arrebatado , e como fóra de si ; e se não chega a este ponto , tem razão para não ficar satisfeito , e ainda para o não louvar.

Parecerá isto extravagancia do discurso ; pois ouça-se o como Quintiliano mostra , que huns taes Assumptos pedem tanta perfeição. Hum Panegyrico funebre (diz elle) não he mais que hum incenso à gloria dos mortos , e hum motivo para o deleite , e maravilha dos vivos. Este he o seu principal , e quasi unico fim ; ora todas as obras , que não servem senão para a gloria , e para o deleite , passam por más , se não são excellentes. Como são pouco necessarias , e pouco uteis ao publico , quem quizer , que elle

elle lhas agradeça , deve fazer , com que o mais bello , e o mais perfeito da Eloquencia substitua a falta do necessario , e do util : senão , os bons intelligentes as desprezarão , tendo-as por indignas dos seus applausos.

Por isso (continúa o mesmo Mestre) em taes composições , como o seu principal fim se reduz ao delectavel , deve o Orador usar de toda a pompa da Eloquencia , e vestilla com todos os seus adornos. Aqui he que tem especial lugar as expressões mais elevadas , os pensamentos mais sublimes , o estylo mais vivo , e puro , as Figuras mais bellas , e exornativas , e as Imagens mais maravilhosas , e magnificas. Em huma palavra , todo o precioso da Eloquencia se deve tirar então dos seus thesouros , e fazella apparecer em toda a sua magestade , e grandeza. Só assim arrebatará o Orador aos ouvintes , enchendo-os de hum especial deleite , e por consequencia elles darão àquelle Assumpto , que he só delectavel , quasi os mesmos louvores , que guardariaõ para o desempenho de hum Argumento util , e necessario à Republica. Vis-

Visto que todos os ornatos da Eloquencia tem nestas Orações taõ especial lugar , porque só se trata de causar deleite , e admiração no auditorio , convirá advertirmos algumas cousas ao Orador. Primeiramente deve fugir com particular advertencia do uso de Figuras , Imagens , e expressões já usadas , e ditas por outros Panegyristas. A primeira vez , que ellas apparecerão em publico , excitaraõ a admiração , e mereceraõ applauso ; na segunda já não foraõ bem recebidas , perdendo a graça da novidade ; depois apparecendo com frequencia vieraõ a enfastiar. Saõ flores bellas , não ha duvida ; mas com o passar tanto de mão em mão , vieraõ a perder a galla , e murcharaõ. Busque pois o Orador , e revolva desde o fundo toda a materia do seu Panegyrico , e verá como descobre huma abundante mina de cousas novas , das quaes possa formar aquellas Figuras , e Imagens , cuja belleza arrebataraõ aos ouvintes , confessando-a maravilhosa , e nova.

Em segundo lugar , não se persuade
da

da o Orador, que os ornatos, que pedem os Panegyricos, são aquelles, que formão hum estylo muito florido, muito compassado, e polido. Neste caso o florido seria languido, e o polido seria affectado: por conseguinte não satisfaria aos intelligentes, e como os não delectava, em lugar da admiração acharia nelles desprezo. Não são estes os adornos, que convem ao Panegyrico; são sim aquelles, que tem a sua origem no grande, no sublime, e no pathetico da Eloquencia. Em hums taes Argumentos he que bem se verifica o que dizia Cicero a Bruto: *Eloquentiam, quæ admirationem non habet, nullam judico*; e como se ha de causar no auditorio esta admiração, e delecte indispensavel em Assumptos deste genero? Ha de ser por ventura com o florido, que logo murcha, e com o nimiamente polido, que logo perde o brio apparente?

Em terceiro lugar, posto que dizemos, que hum dos fins dos Panegyricos he engrandecer a gloria dos Heróes, isto não se deve fazer por hum modo excessivo, segundo communifimamente

firmamente se está praticando. Não se ha de louvar só por louvar , que isto feria indigno do severo caracter de hum Orador : ha de se louvar o que verdadeiramente he louvavel nos olhos de Deos , e dos homens ; nem outra cousa pôde causar deleite , e admiração aos ouvintes , e menos gloria verdadeira ao Varaõ , que se elogia. E que feria , se se fingissem acções , e virtudes , ou se encarecessem por grandes , as que só foraõ medianas ? Isto feria perder o Orador toda a fé no de mais , que narrara , e todo o conceito de instruido nas obrigações da sua Arte.

Que saõ os grandes cargos (dizia Seneca) os primeiros póstos , a nobreza , a sciencia , e o valor ? Saõ humas cousas vãs , se quem as tem não lhes dá o seu uso devido. Com esta doutrina solida diante dos olhos entre o Orador a urdir o seu Panegyrico : peze em fiel balança os merecimentos , e qualidades do seu Heróe , e se ellas se não empregaraõ em serviço ou da Religiaõ , ou da Patria , não lhes dê o valor , que ellas mereceriaõ , se se
occu-

occupassem neste louvavel uso ; porque neste caso , sobre fazer injuria à severidade do seu officio , será accusado de mentiroso , ou ao menos de affectadamente encarecido. Deste peccado quantos Oradores ha reos !

Tanta he a verdade , que o homem Orador deve respirar em qualquer dos seus Discursos , que os bons exemplares que temos na materia , de que tratamos , até nos seus Panegyricos não deixaraõ em silencio alguns defeitos do seu Heróe ; sim os mostraraõ com hum certo véo delicado , e decoroso ; mas não os encobrião. Eu neste ponto não me atrevo a dar doutrina ao meu Orador : vejo que tão perigoso he callar os defeitos , como o dizellos. Se se encobrem , pode-se temer , que os ouvintes tenhaõ o affectado silencio por falta de sinceridade : se se dizem , que prudencia , e cautela não he precisa ? Torno a dizer , não dou doutrinas para este ponto. Lea o Orador a Oraçãõ do famoso Bourdaloue nas Exequias do Principe Luiz de Borbon , e a do insigne Flexier na morte do Marechal de

de Turene , e se achar , que póde igualar em delicadeza , prudencia , e decoro a estes Oradores , que não encobrirão alguns defeitos do seu Héroe , imite-os , que assim conseguirá causar especial deleite , e maravilha nos ouvintes.

MAXIMA XXIII.

Nihil est ad conciliandum gratius verecundiâ. Quintil. l. 11. c. 3.

Assim he ; nenhuma cousa tem tanta força para conciliar o Orador a amorosa benevolencia do seu auditorio , como hum natural pejo , e modestia ; e se esta brilha à luz de hum grande merecimento , entã avulta muito mais , e consegue de todos mayor veneraçãõ. Com esta circumstancia succede ao Orador o mesmo , que acontece à formosura ; quanto mais he modesta , tanto mais agrada , e encanta. Daqui tira elle outra grande utilidade ; porque à medida , que se

cessario? He preciso, que na Oração tudo seja facil, tudo natural, e fluido, como requeria Quintiliano: *Illa quidem maximi laboris, ne laborata videantur.* Sim, deve ser taõ occulto o artificio Oratorio, que cada hum entenda, que naõ entrou a Arte no que diz o Orador; mas que as expressões nasceraõ na sua boca no mesmo instante, em que as pronunciou, e os sentimentos no seu coração no mesmo ponto, em que exteriormente os exprimio. Nisto he que consiste a grande Arte, e no mesmo tempo o grande trabalho do Orador, segundo a sentença do sobredito Mestre: *Ut etiam si elaborata sint, videatur tota extemporalis Oratio.* Só deste modo he que com a Eloquencia se causará admiração, e espanto no auditorio, e naõ se ouvirão censuras em lugar de louvores, como diz o mayor Orador Christaõ na Maxima presente.

Quando na Oração falta este commendado artificio, antes apparece a Arte com pomposa ostentação, já o Orador naõ está capaz de persuadir, porque já os ouvintes desconfiaõ

da sua sinceridade , entendendo , que tudo nelle he fingimento , e artificio. He observação não menos , que do citado Quintiliano : *Cum in his rebus cura verborum deroget affectibus fidem , & ubicumque ars ostentatur , veritas abiisse videatur.* Ora com hum animo deste modo disposto , que ouvinte haverá , que se deixe persuadir ?

Hum Orador persuade (dizia Aristoteles no l. 3. da Rhetorica) e outro não : e donde virá isto , senão de que hum encobre o artificio de seu Discurso , e outro advertidamente o manifesta ; donde se segue , que o auditorio tanto se fia deste , como de hum vinho , que tem confeição. Por isso entre hum , e outro Orador ha tanta differença , quanta se observa entre a voz de Theodoro Comediante , e a de outros Comicos da sua companhia. A voz do primeiro he tão natural , e enganosa , que não parece de hum representante , mas da mesma pessoa , a quem representa. A voz dos outros he affectada , violenta , e contrafeita ; e por isso nem causa deleite , nem leva applauso.

Ulti-

Ultimamente rematemos esta Illustração com hum lugar de Cicero , que abrange bem a presente doutrina, e as antecedentes. Tomaramos, que o nosso Orador o imprimisse na memoria , e se cançasse por imitar em tudo o homem, que louva este grande Mestre da Eloquencia : „ Possuía Antonio „ (diz elle) huma felicissima memoria; „ era taõ desembaraçado nas accções , „ e as palavras , e pensamentos taõ „ naturaes lhe vinhaõ , que parecia a „ quem o ouvia, que nenhum trabalho tivera em meditar, e descobrir as provas do seu Assumpto. Com tudo tal era a preparação com que hia , que os mesmos Juizes quasi que naõ podiaõ acautelarse bem da força , e attractivo do seu Discurso. *Omnia veniebant Antonio in mentem, eaque suo quæque loco. Erat memoria summa, actio singularis; nulla meditationis suspicio. Imperatus semper aggredi ad dicendum videbatur; sed ita erat paratus, ut Judices, illo dicente, nonnunquam viderentur non satis parati ad cavendum fuisse.* De clar. Orat.

 MAXIMA XXVI.

Probabo primum eum qui , quid deceat , videbit. Hæc enim sapientia maxima adhibenda est Oratori , ut sit temporum , personarumque moderator Is erit ergo eloquens , qui ad id , quodcumque decebit , poterit accommodare Orationem.
Cicer. de Orat.

„ **EU** (dizia o insigne Orador Ro-
 „ mano) busco na minha idéa
 „ hum eloquente , a quem não possa
 „ negar a minha approvaçãõ. Nestes
 „ termos só approvarey sobre todos
 „ aquelle , que vir o que lhe convem ;
 „ o que for fiel observador dos tem-
 „ pos , e das pessoas , e o que souber
 „ accommodar sua Oraçaõ a tudo o
 „ que lhe he conveniente. Este tal
 „ homem he que eu terey por verda-
 „ deiro Orador. E na verdade senten-
 „ ciou Cicero com o seu solidissimo jui-
 „ zo ; porque assim como a exacta ob-
 „ servaçãõ do que convem na pratica do
 „ mundo , constitue o perfeito homem
 „ civil,

civil assim a exacta observação do que convem na pratica de hum Discurso eloquente , constitue o perfeito Orador. Ora sobre esta *prudencia* Oratoria diremos o que nos lembrar.

Em primeiro lugar , deve-se attender muito à circumstancia do *tempo* , em que se falla. Seria cousa secca , e fastidiosa em huma Oração gratulatoria introduzir hum moral , qual o que se ouvia no Portico de Athenas , e na Academia de Roma ; e em hum Panegyrico funebre desperatar especies , que causassem alegria. A circumstancia do *lugar* não he menos digna de attenção. O Discurso , que pede huma Academia , não he o mesmo , que convem ao Pulpito ; naquella falla-se aos engenhos , neste aos peccadores ; naquella quasi tudo o que se diz he para o juizo , neste quasi tudo o que se ha de dizer , deve ser para o coração. De mais , o que convem em Villas , não convem em Cidades , e o que he decente em Cidades , nem sempre o he na Corté , onde he mayor a abundancia de ouvintes cortezãos , judiciosos , e polidos.

A circumstancia das *peffoas*, a quem se falla , merece particular observação. O modo , com que he preciso dizerse huma couza na presença de certa classe de peffoas , não he o mesmo, que convem a outras de diversa ordem. O que diante de huns foy dito eloquentissimamente , na presença de outros não ha de fazer igual effeito. Porém não nos demoremos neste ponto , porque Aristoteles na sua Rhetorica tratou d'elle com penna bem diffusa , e Horacio na sua Poetica , instruindo nesta materia ao Poeta , diz quanto basta para direcção do Orador.

A circumstancia da *idade* tambem he digna de grande ponderação. O que convem ao Orador mancebo , não he decente ao de annos provectos , como já ensinava Santo Agostinho : *Est quaedam eloquentia , quæ magis ætatem juvenilem decet , est quæ senilem*. Hum estylo ornado , florido , e vivo , hum escrupuloso polimento de Discurso , huns pensamentos mais agradaveis , que solidos , humas expressões mais pomposas , que necessarias , huma certa abundancia de palavras , hum cer-

to fogo de imaginativa , que não se sabe supprimir , ou abafar ; tudo isto se soffre , ou , dizendo melhor , tudo isto agrada em hum Orador mancebo ; ma: huma idade madura , essa pede ornatos mais graves , e bellezas muito mai: severas. *Hec aptiora sunt adolescentius ; in senibus gravitatem non habent* , dizia Cicero.

Para não cahir neste vicio o nosso Orador , cuide com tempo de dar a cada idade o seu estylo. Se não se anticipar com esta cautela , verá diminuida a sua reputação ao passo que for crescendo em annos. Em quanto he moço , o seu fallar enfeitado será applaudido ; mas em contando idade mais séria , toda essa estimação se lhe ha de converter em desprezo , se não accommodar o estylo aos annos. Ha de succederlhe o mesmo , que àquelle Orador de Roma , do qual nos diz Cicero , que no tempo de mancebo nenhum houvera mais estimado , nem mais applaudido ; porém que tanto que se vira carregado de annos , dos quaes o publico esperava frutos mais fazonados , viera a perder a antiga estimação ,

ção , e applauso. Elle sempre era o mesmo Hortensio ; o seu estylo tinha as mesmas bellezas , os seus pensamentos a mesma viveza , e o seu discurso a mesma gala ; mas tudo isto já lhe não convinha.

He cousa (dirá o Orador) muy difficultosa o mudar de estylo. Quando o engenho tomou huma certa fórma de se exprimir , custa-lhe muito a livrar-se della , e a tomar outra. Assim he ; e por isso eu lhe aconselhara , que desde que começa a longa carreira da Eloquencia , formasse logo hum estylo , que fosse de todas as idades , e de todos os tempos. Faça com o estudo por alcançar isto , e não se verá reduzido à dura precisaõ de mudar de estylo , empregando unicamente o estudo em o fazer cada vez mais perfeito. Mas qual será o estylo de todos os tempos , e idades ? Não he outro , senão o que recommendaõ os antigos Mestres , e nós em diversas *Maximas* deixamos estabelecido , como o unico , que pede a solida Eloquencia.

Ultimamente deve attender mui-

to o Orador em discorrer sempre com *Juizo*, e *Razaõ*. Quantos se allucinaõ em cuidar, que naõ devem dizer em suas Orações cousas que sejaõ populares! Desprezaõ como indigno do seu juizo tudo o que lhe offerecem as idéas commuas, e vaõ por varedas nunca trilhadas, imaginando, que nunca saõ taõ eloquentes, como quando dizem cousas, às quaes naõ poderia chegar o commum dos homens. Deixaõ-se arrebatados de hum desmedido desejo de sempre dizerem cousas extraordinarias, sem saberem, que he hum formal delirio isso, a que elles chamaõ extraordinario.

Eis aqui porque he muito mais raro do que se cuida, achar hum Orador, no qual se verifique o que pretende Cicero na presente Maxima: *Is erit ergo eloquens, qui ad id quodcumque decebit, poterit accommodare Orationem.* E como ha de sempre dizer o que convem às suas Orações, aquelle homem, que naõ leva em tudo o *Juizo*, e a *Razaõ* por guia do seu Discurso? Sem esta circumstancia naõ ha Eloquencia; porque o ser eloquente
con=

confiste em dizer cousas aptas a persuadir ; e estas certamente não se podem dizer, se não as inspirar o discernimento , e a razão. Não he o persuadir a grande , e difficil obra da razão humana ? Pois talvez póde-se persuadir a creaturas racionaes com outro meyo , que não seja o da razão ? Imprima o Orador com tempo na memoria esta fundamental verdade ; que tudo o que he contrario ao Juizo , e à Razaõ , he directamente opposto à Eloquencia , e que he impossivel ser eloquente aquelle , que não caminha seguro à luz destas duas tochas.



MAXIMA XXVII.

Non alia est ratio pronuniationis , quàm ipsius Orationis illa emendata erit , id est vitio carebit , si fuerit os facile , explanatum , jucundum , urbanum ; id est , in quo nulla rusticitas , neque peregrinitas resonet. Quintil. l. II. c. 3.

NAõ ha cousa taõ contraria ao fim do Orador , quanto huma viciosa pronunciaçãõ. Para ella merecer este epitheto , basta , que naõ seja , como diz Quintiliano , regulada , clara , sonora , e cortezã. Huma grande parte de Oradores persuade-se , que toda a vez , que naõ pronunciaõ suas Orações com furia , e violencia , falta-lhes aquella magestade , que lhes he devida. Deste modo eu naõ sey como se póde orar , e menos persuadir ; porque huma pronunciaçãõ , que naõ he regulada , e facil , como recommenda a presente Maxima , cança logo ao Orador ; e huma pronunciaçãõ injucunda , rustica ,

ca , e extravagante enfastia ao auditorio.

Ora como he nos Oradores taõ geral o abuso de huma pronunciaçãõ furiosa , e violenta , digamos sobre este ponto o que sentimos , que he o mesmo , que tanto recommendaraõ os antigos Mestres. A maneira , com que o Orador ha de pronunciar , naõ ha de ser como a de hum rio , quando corre caudaloso , que leva tudo comfigo : ha de ser como huma chuva , que serenamente banha , e se introduz na terra. Convem à pronunciaçãõ força , e intimativa ; mas naõ furia , e violencia. Demosthenes sim era forte , e vehemente , quando a occasiaõ o pedia ; mas naõ furioso , e violento. Eu quero , que o Orador pronunciando mostre sempre , que ha nelle fogo ; se o naõ mostrar , ha de lhe faltar o auditorio com a attençãõ : porém quero , que o accenda hum fogo brando , e sereno. Esta serenidade sempre viva , e animada he (quanto a mim) o mais bello requisito , e no mesmo tempo a mayor difficuldade na pronunciaçãõ Oratoria.

Por

Por experiencia se vê , que he bem ardua a empreza de unir estes dous requisitos; pois rarissimos são os que sabem conservar tranquillidade no dizer , junta com hum fogo indispensavel para se animar, o que se diz. O commum he enfurecerse para logo a imaginativa do Orador, e perder o rumo , à maneira de huma não exposta à discriçãõ de furiosos ventos. *Ommisâ ratione, ut tulit impetus, passim tumultuantur*, dizia Quintiliano. Outros pelo contrario pronunciaõ com tanta froxidaõ , que causaõ para logo nauzea aos ouvintes ; mas estes são mais raros ; porque commummente todos affectaõ demasiado fogo, e viveza , persuadidos , de que este he hum meyo especifico para captarem a attençaõ.

O General de exercito nunca he mais digno de commandar , nem parece mais heróe , como quando no mais forte da Acçaõ , presente em todo o lugar , ordenando tudo , e animando todos , sabe conservar serenidade na alma, e no semblante. O mesmo digo do Orador verdadeiro : nunca

ca elle se ostenta mais Orador, como quando no mayor fogo da sua Eloquencia, e entre os rayos (digamos assim) que por toda a parte despede, conserva huma certa tranquillidade; com a qual mostra, que não se deixa dominar do seu Discurso, mas que he absoluto senhor da sua alma.

Quanto mais huma Oração tem cousas grandes, e concebidas por hum modo vivo, e animado, tanto menos deve ser o fogo, e viveza da pronunciação do Orador. E isto por duas razões: a primeira, porque esse grande fogo impede ao auditorio o gostar, quanto deveria, da bondade, e belleza das cousas, que se lhe propoem à vista. A segunda he, porque se ao grande fogo da composição se ajuntar o da pronunciação, destes dous fogos entre si unidos, formar-se-ha hum incendio tão forte, que nem os olhos, nem o entendimento dos ouvintes o poderá supportar.

Os Oradores, que tem cousas de pouco pezo para dizer, são commumente os que declamaõ mais alto, levantando tanto mais a voz, quanto mayor

mayor he a penuria de razões. Imaginaõ, que com huma pronunciaçãõ fogosa haõ de dar pezo ao que o naõ tem, e preço ao que nada val: gritaõ, enfurecem-se, e este he todo o seu merecimento; como se a Arte de bem dizer fosse arte de clamar. E disto já se queixava no seu tempo o Orador Romano, quando dizia: Os Oradores já naõ fallaõ, ladraõ. *Latrant jam quidem Oratores, non loquuntur.*

Devendo pois ser o fogo da pronunciaçãõ sim ardente, mas sereno, isto naõ tira, que possa ser mais, ou menos activo, segundo as occasiões; porque nesta materia ha diversos grãos de serenidade, e de fogo, que o Orador deve indispensavelmente mostrar. Mas esta variedade taõ propria para evitar o fastio nos ouvintes, e para lhes conservar a attençaõ, ha de proceder do fundo do interior; e eis aqui toda a maquina de que se deve valer o Orador posto em acçaõ. Ha de primeiro sentir o seu espirito, o mesmo que pronuncia a sua lingua; e se assim naõ succeder, será fatuo todo o fo-

fogo: de maneira, que à medida, em que elle se vir mais, ou menos movido, e penetrado, assim seja a sua pronunciaçãõ mais, ou menos viva, mais, ou menos serena.

Esta regra de se consultar primeiro o espirito, para assim se saber o grão de viveza, ou serenidade, com que se ha de pronunciar, até serve para o Orador compor a voz, de sorte que seja agradavel aos ouvidos, e pareça não de homem rustico, mas de cortezaõ, como requer Quintiliano na presente Maxima. E a razão he, porque o coração he a fonte dos affectos, e pronunciando-se como inspirar a alma, impossivel será que o Orador se faça injucundo, aspero, e de extravagante pronunciaçãõ aos ouvidos do auditorio.

MAXIMA XXVIII.

*In Oratore vox tragædorum , gestus
penè summorum actorum est requi-
rendus. Cic. de Orat. l. 1.*

A Pronunciaçãõ clara , expedita ;
e accommodada à materia , pa-
ra ser de todo energica , necessita mui-
to do soccorro da Acçaõ , e sem esta
he quasi cadaver a Eloquencia do cor-
po. O Orador deve ser representan-
te , mas de hum modo muito diver-
so , do que tem o mero Declamador,
e o affectado Comediante. Ha de
imitar na voz grave , e insinuante , e
nas acções proprias , e vivas aquelles
Actores , que levaõ o applauso de
todos. Por isso o theatro foy sempre,
e he a melhor escola para se conse-
guir a Eloquencia do corpo. Quem
professa o nobre officio de fallar em
publico aos sabios , e de engrandecer
com sua lingua as cousas dignas de
imitaçãõ , só lhe convêm humas ac-
ções nobres , e huns gestos magesto-

M

soz ;

fos ; de forte , que se não proporcionnar ao seu caracter estes requisitos , representará huma indecente figura : e onde poderá elle aprender isto , se não na escola do theatro com os famosos Actores ?

Igualmente convêm ao Orador humas acções vivas , e animadas ; porque devendo dizer coufas grandes , e persuasivas , convêm-lhe apparecer penetrado , e movido , para que não se lhe diga , o que dizia Cicero a hum Orador , cujas acções não concordavaõ com o que pronunciava : Se o que dizes fosse verdade , dillohias do modo com que o dizes ? *An iste , si vera essent , sic à te dicerentur ?* Mas neste ponto he preciso advertir ao Orador , que ponha especial cuidado em não usar de certas acções affectadas , violentas , e furiosas , equivocando-as com as naturaes , animadas , e vivas. Bem sabe quem nos ler , quanto entre nós he vulgar esta equivocação.

Naõ se deve pôr menos estudo em fugir de mostrar hum gesto demasiadamente compassado , e medido ;
por-

porque além de ser indecorosa ao Orador toda a affectação, entra o auditorio a persuadirse, que mais lhe querem lisonjear os sentidos, do que persuadir verdades. Deste gesto vicioso, de que tratamos, nasce outra affectação, a que chama Cicero *Argutie digitorum*, isto he, quererse com as mãos como pintar tudo quanto se diz. Estas delicadezas puerís poderão, quando muito, pertencer ao Comediante, mas nunca ao Orador, que deve lembrarse da gravidade do seu caracter, que não he imitar, e fingir ser outro, como pretende o representante de theatro.

Ha de accionar com viveza, com postura, e graça, mas sobre tudo com variedade, accommodando as accções à materia, e sempre com hum ar natural, que nada respire de affectação. Por accções não tenho só as que se fazem com as mãos; tambem a mudança de semblante, o diverso movimento dos olhos, e ainda hum breve silencio, são accções, e certamente as mais vivas, e cheyas de energia. Em huma palavra, a accção que se julgar

a mais decente na occasião , essa he a que se ha de fazer ; porque só essa he que ha de agradar.

Observe o Orador o que vê fazer a outros , que são louvados nesta Eloquencia do corpo ; porém não os imite tanto à risca ; porque não se segue , que lhe convenha tudo , o que convêm a outros. He sentença de Quintiliano : *Cum præcipue in actione spectetur decorum , sæpe aliud alios decere.* A's vezes , seguindo as regras da Arte , fará o Orador huma cousa , que de nenhum modo lhe convenha , ao mesmo tempo , que convirá a outro , ainda que obre contra as regras. Nisto ha huma certa razaõ occulta , e que não se póde explicar , a qual faz , com que em huns tudo pareça bem , até os mesmos defeitos , e em outros nada tenha graça , nem ainda as mesmas bellezas da mais fina Eloquencia. Tambem he sentença do mesmo Mestre , que deixamos allegado. *Est enim quedam latens ratio , & enarrabilis , in quibusdam virtutes non habent gratiam , in quibusdam vitia ipsa delectant.*

Cicero exprimindo o caracter das

acções de hum dos mais famosos Ora-
dores de Roma, diz, que o seu ges-
to não expressava bem as suas pala-
vras, mas que convinha aos seus sen-
timentos, e conceitos. A voz era fir-
me, mas naturalmente rouca; e este
defeito, em lugar de o fazer defagra-
davel, lhe dava graça, sabendo con-
verter hum vicio em virtude. *Vox*
permanens, verum subrauca; sed hoc vi-
tium huic uni in bonum convertebat. Don-
de se segue, que fará o nosso Orador
o mesmo prodigio, (quando tenha al-
gum leve defeito natural) se souber
com o soccorro da arte, e muito mais
da natureza, encobrir a tal falta com
huma certa graça, que nós não lhe
sabemos explicar, e só elle poderá
descobrir com huma continua appli-
cação (qual a de Demosthenes) ob-
servando a natureza.

Deste grande Orador sabemos,
que tanta era sua diligencia na com-
postura, e energia de acções, que até
estudava longo tempo por hum espe-
lho. Por elle emendou alguns defei-
tos no corpo, e se exercitou em ges-
tos convenientes ao seu caracter. Não
ha

ha duvida, que o espelho he hum fiel pintor ; mas he mudo : representa , mas não diz palavra. Se o nosso Orador se vir nelle , póde ser que tenha por conveniente hum certo gesto , hum certa postura , e movimento de corpo , e que com muita facilidade se deixe enganar. Por isso não lhe commendara este meyo , se elle tivesse hum amigo intelligente , e sincero , que quando elle orasse , o avisasse dos defeitos , em que cahira , ou na descompostura da voz , ou na affectação do gesto , ou na impropriedade das accões.

MAXIMA XXIX.

Memoriam quidam Naturæ modò esse munus existimaverunt : estque in eâ non dubie plurimum , sed ipsa excolendo , sicut alia omnia , augetur. Quintil. l.

II. C. 2.

TER huma memoria feliz depende muito da natureza , mas tambem muito do exercicio ; pois que ella
naõ

naõ consiste senaõ na facilidade, com que renova os vestigios dos objectos, que em nós se imprimiraõ. Donde se segue, que naõ terá boa memoria aquelle, cujo cerebro naõ for accomodado para receber os vestigios das cousas, e para os conservar. Eis aqui como para esta potencia concorre a natureza: porẽm para a sua felicidade naõ deve ella menos ao exercicio. Qualquer cousa facilmente se dobra por aquella parte, por onde se costuma dobrar; do meõmo modo o nosso cerebro (digamos assim) endurece-se, e faz-se incapaz para a memória, se naõ se previne esta dureza, repetindo a miudo o que se aprendeo, e cuidando todos os dias em aprender alguma cousa de novo.

Por isso he necessario ao Orador cultivar bem a sua memoria com o exercicio, enriquecendo-a de termos proprios, e fazendo, que o enlaçamento das imagens das cousas, e dos seus nomes seja taõ estreito, que as imagens, e as expressões andem sempre de companhia. Hum Author judicioso comparou a Memõria a huma
Im

Impressão. Hum Impressor que (por exemplo) tem só caracteres gothicos, todo o livro que tiver, ha de imprimir nesta casta de letra. O mesmo se deve dizer daquelles, que só tem a memoria cheya de palavras improprias: vaõ a compor, e precisamente haõ de vestir, como à Gothica, os seus pensamentos, e expressões.

Eis aqui a razão, porque as pessoas de qualidade commumente fallão bem: vivem, ou conversão com homens polidos em estudos, que cuidão muito em naõ dizer palavra, ou modo de fallar, estranhado pelo bom uso. Ora o mesmo succede aos que lem por bons livros: como à sua memoria naõ apresentaõ, senaõ termos puros, por consequencia haõ de fallar bem. Já se sabe, que nisto deve haver huma limitação, e vem a ser, que estes bons livros se haõ de ler com cautela; porque seus Authores viveraõ em diversos seculos, e cada seculo quasi que tem sua lingua. Se o nosso Orador seguir a estes Mestres sem discernimento, e reflexaõ, apparecerá com hum estylo extravagante, fallando hu-
ma

ma lingua , em que dará largo assumpto à justa censura do auditorio.

Porque Erasmo não teve esta escolha , por isso he muy bem reprehendido : foy homem de huma lição immensa , e conservava em sua memoria a mayor parte das expressões , que tinha lido. Daqui veyo escrever com hum estylo mixto , amassando palavras , e modos de fallar dos bons seculos com outros , que só apparecerão em idades corruptas para a Eloquencia. Este he o juizo , que muitos fazem do estylo de Erasmo ; nós só delleremos , que não he sempre puro ; mas que teriamos por venturoso aquelle Orador , que o imitasse na linguagem.

Ultimamente , posto que tenhamos recommendado a continua lição dos bons livros , convêm advertirmos , que não ha de ser com o fim de roubarmos delles as suas melhores frases , os seus pensamentos mais finos , e a delicada variedade dos seus modos de dizer. Isto já o reprovámos em outro lugar , mostrando ao Orador , que huns taes roubos não o podem enriquecer em cabedaes , antes sempre se-
rá

rá tido por hum pobre entre os verdadeiros eloquentes. Só merecerá louvor (diz Seneca) se imitar as abelhas, que colhendo o suco de diversas flores , com elle compoem o seu mel , licor simples , e que nada sabe à sua origem. Do mesmo modo a natureza de diversos alimentos , que digere , fórma o seu quilo. Em quanto estes duraõ no estomago solidos , e na sua qualidade, servem de pezo ; mas depois que mudaõ daquillo que eraõ , passaõ a ser sangue , nutrimento , e vigor do corpo. A semelhança não póde ser nem mais viva , nem mais verdadeira. Não se esqueça o Orador della no seu estudo pelos bons Antigos , e Modernos.

MAXIMA XXX.

*Ei , cui deerit ingenium , non magis hæc
scripta sunt , quàm de agrorum cultu
sterilibus terris. Quintil l. i.
in Procem.*

Demos fim a este Tratado com hum desengano ao Orador. Tudo quanto temos dito , ficará sendo trabalho inutil , se nelle não houver engenho , e engenho com estas qualidades , que vamos a dizer. A primeira he huma capacidade , ou extensaõ de genio , que saiba descobrir nos Assumptos , e com abundancia tudo o que nelles se poder dizer. Hum engenho limitado he incapaz de dar a hum Argumento a extensaõ , que lhe he precisa. A segunda qualidade he huma certa viveza fina , e delicada , que entrando pela materia de hum Discurso , saiba profundalla , e (digamos assim) remexer todo o seu interior. Para isto não são capazes engenhos grosseiros ; porque estes apenas pas-

passaõ da superficie das cousas , e daõ-se por contentes , se as mostraõ só por hum lado.

A terceira qualidade consiste no exacto regulamento em tudo aquillo , que provêm ou da imaginaçaõ , ou do engenho. Se faltar esta circumstancia , que he o primeiro mobil da Eloquencia , impossivel he , que se dê nem ainda mediano Orador ; porque quem se applica à Arte de bem fallar , naõ ha de aceitar tudo quanto lhe offerecer a sua imaginaçaõ. Ha de separar o que he ouro do que he lataõ , o que he diamante , do que he brilhante falso ; nem ha de abraçar as cousas , segundo a grandeza das suas imagens. Ha de ampliar , ou restringir o seu Discurso , conforme o pedir na occasiaõ o juizo ; naõ se ha de fiar das suas primeiras idéas , antes ha de fazer rigoroso exame sobre se as cousas de que trata , saõ na realidade taõ grandes , como a elle lhe parece ; e conhecendo que o saõ , escolher entaõ aquellas expressões , que forem mais proprias , depois de bem vistas à luz da razãõ , e naõ ao fogo da imaginativa ;

ginativa ; porque esta he como o microscopio, que mostra os objectos maiores, do que elles em si são. Pois se estas, e outras muitas cousas, que já em diversos lugares deste livro deixamos notadas, deve observar o Orador, que aspira à perfeita Eloquencia, bem se vê, que faltando-lhe em seus Discursos este regulamento do juizo, não poderá merecer, que o oução sem fastio, e desprezo.

Pessoas ha, que possuem hum engenho com estas qualidades ; mas faltalhes huma boa imaginação, e huma memoria feliz ; outras pelo contrario são ricas de imaginação, e memoria, mas pobres de engenho. Ora isto faz com que hum Orador se difference notavelmente de outro. O que tiver só engenho solido, e vivo, discorrerá sempre ajustado, porque hum engenho com solidez, e viveza he inseparavel do juizo. O que tiver só imaginação fogosa, e ligeira, discorrerá com muito ruido, e pouca fizudeza, atropellando tudo, para fazer alarde da sua bizzaria. O fogo destes Oradores he como o da polvora, que em
hum

hum instante desaparece. Fazem estrondo com sua Eloquencia, mas dura muy pouco. Pelo contrario a de hum Orador de engenho com as qualidades, que deixamos apontadas, conserva-se sempre em formosura; antes quanto mais se observa, mais admira.

Tacito fallando de hum certo Halerio, diz, que fora em vida celebrado por sua Eloquencia; mas que suas obras depois da morte não lhe prolongaraõ a estimaçaõ; porque havia nelle mais fogo de fantasia, do que regularidade de engenho. Era mais proprio para fallar de repente, do que para escrever obras, que ficassem aos vindouros: por isso com elle morreo a fama de sua Eloquencia. O mesmo succederá ao nosso Orador, ou se nelle não houver engenho com as qualidades recommendadas, ou se o houver, o deixar abafar do fogo da imaginaçaõ. Em quanto vivo poderá agradar a alguns, attrahidos ou da viveza da pronunciaçaõ, ou da propriedade das accões, ou da gravidade do gesto; porém depois de morto, como estas bellezas já tambem faleceraõ,

raõ , será o desprezo de todos aquelles, que só estimaõ na Eloquencia hum engenho vasto , delicado , judicioso , e exacto.

Para hum destes he que tomamos o trabalho de fazer estas *Reflexões* ; e como já sabemos que nellas em muitas cousas seremos reos , acolhemo-nos ao mesmo asylo de Quintiliano , dizendo com elle : *Habes quibus præcepta dicendi pro virili parte adjuvari posse per nos videbantur : quorum cognitio studiosis juvenibus si non magnam utilitatem afferet , at certè , quod magis petimus , bonam voluntatem.*

F I M.





1/10

